Yantok

CINEMAS E CINEMATOGRAPHISTAS

Polar numa reclame de "Thesouro do Mar", da Columbia.

Recebemos a seguinte carta de Ponta Grossa:

"Sr. Director de CINEARTE:

Temos a satisfação de communicar V. S. que — por ter sido dissolvida a firma que girava nesta praça sob a rasão social de HOLZMANN & CIA., conforme aviso publicado na imprensa local e de Curitiba — organisamos nesta data, a empresa A. HOLZMANN & CIA., déla fasendo parte, como socios solidarios, os Srs. Alfredo Holzmann e Epaminondas Holzmann.

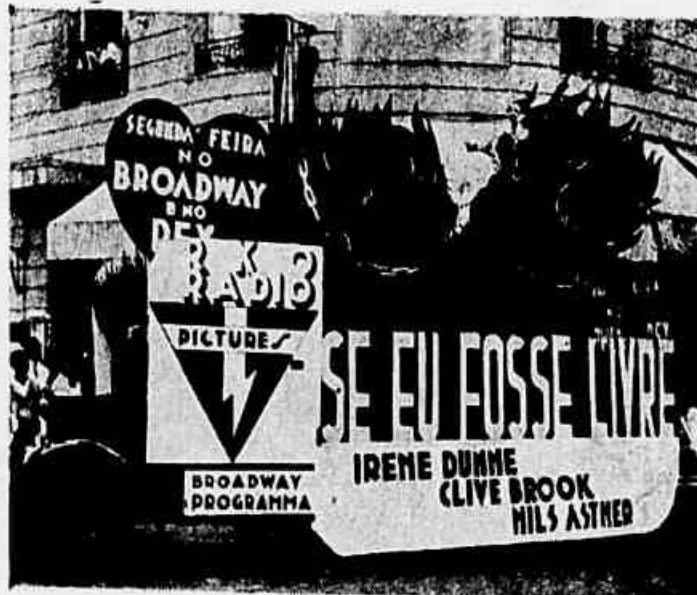
A nova firma assume o Ativo e Passivo da empresa extinta, continuando a administrar o CINE-TEATRO RENASCENÇA, de sua propriedade, como exibidora e distribuidora de Filmes Cinematographicos e perpetuando, assim, a obra do nosso saudoso chefe JACOB HOLZMANN, seu fundador.

A' testa da administração da atual empresa permanecerá o Sr. Alfredo Holzmann, gerente do RENASCENÇA desde o anno de 1922, ficando a Seção de Distribuição de Filmes a cargo do Sr. Epaminondas Holzmann, que são perfeitos conhecedores do ramo de comercio a que nos dedicamos.

Ao seu inteiro dispor

A. Holzmann & Cia.

— —

Holzmann & Cia., decana das empresas Cinematographicas do Paraná, dissolveu-se em consequencia do fallecimento, a 6 de Junho de 1933, no Rio de Janeiro, do seu fundador Jacob Holzmann. O extincto tinha ido ao Rio em viagem de negocios, fallecendo repentinamente. Era velho Cinematographista, tendo sido concessionario da Fox Film e gerente fundador (10 annos) da filial no Paraná da Universal Pictures. Fundou a imprensa de Ponta Grossa e era socio da A. B. I. Como musico dirigiu varios conjunctos musicaes, sendo a musica o motivo unico de sua carreira Cinematographica. Alfredo e Epaminondas Holzmann, componentes da nova firma são seus filhos.

Carro-reclame do Film "Se eu fosse livre", da R. K. O.. (Broadway Programma).

* * *

Em Recife, os Cinemas Moderno e Parque, estão sob a orientação de uma só espresa.

Roberto Fernandes, arrendatario do Moderno esteve no Rio e depois de alguns entendimentos com Luiz Severiano Ribeiro, socio das empresas do Parque, Royal e Polytheama acceitou com este a fusão de todas as empresas numa só, passando Roberto Fernandes a director da nova firma Ribeiro R. Fernandes & Cia.

E o publico de Recife, teria levado vantagem com esta fusão? E' o que vamos ver...

Fachada do Cinema Central, de Bicas, Minas Geraes.

Fachada do Cinema Gloria, de Bello Horizonte, durante a exhibição do Film da Universal, "Luar e Melodia".

PERGUNTE-ME OUTRA

HELIO PINTO (Rio) — Sim, acceitamos ainda collaborações pagas, mas a que nos enviou não preenche os requisitos de agrado.

MORENINHA DOS OLHOS NEGROS (Lisboa) — Nada tem a agradecer. Sim, escreva sempre que só nos dará prazer. A carta para Roulien seguiu. Sim, creio que elle responde a todos os seus "fans" e principalmente ás "moreninhas dos olhos negros"..

Mande as considerações sobre a Joan. Não sei ao certo se Carmen Santos responde aos seus "fans". "So long", Moreninha!

GAYNOR (Rio) — Para obter uma photo de John Boles escreva para Fox Studios, Beverly Hills, Hollywood, California. Po-

de ser em portuguez, gryphando a palavra photographia. E' americano, mas não sei a data de seu nascimento.

JARF ROHWEDDER (Campinas) — Meu caro Jarf, não parece ser, como diz, um verdadeiro "fan" de Novarro! *Scaramouche* foi um dos principaes Films de Ramon e um dos seus mais populares desempenhos! Foi exhibido no Brasil, sim. Não me recordo em que anno.

SVENGALI 2.º (Curityba) — Como vae? O proximo Film de Marlene é *Imperatriz Galante*, onde ella faz Catharina da Russia. Bing Crosby trabalha em *The iones me not*. Mary Korman é a lourinha do Jack. Não tem endereço certo. Anita Page está no theatro.

A Cinédia vae agora dedicar-se especialmente aos Films que dizem respeito ao decreto do governo sobre o Cinema Brasileiro. Volte breve.

GRACIETE MARTINS TEIXEIRA (Recife) Ramon — Metro Goldwyn Mayer. Clark, Shearer e Lupe, idem. Kiepura não tem contracto certo. Tente Universal. Dolores Del Rio está na Warner Bros. — Sunset Boulevard. Garbo? Para que o endereço, se ella não responde?

DE BEAUREVERS — Meg Lemonnier fez dois Films na Ufa. Universum Film ART. Neubabelsberg, Berlim. Pat Ellis e Blondell: Warner Bros — Sunset Boulevard, Hollywood. Fay, Columbia Studios, Hollywood. Loretta é "freelancer".

CELINA COELHO MESSEDER (Bahia) — Só fornecemos cinco endereços de cada vez, Celina... Garbo é M. G. M., mas como ella nunca responde, é carta fóra de baralho e não contarei esta pergunta. Elissa Landi: Columbia Studios, Hollywood, California. Roulien: Fox Studios, Beverly Hills, California. Joan, Metro Goldwyn Mayer, Culver City, California. Idem para Rosita Moreno e Mojica.

Paul Lukas e Ann Harding são os principaes em *The Fountain*, da RKO. Brian Aherne figura.

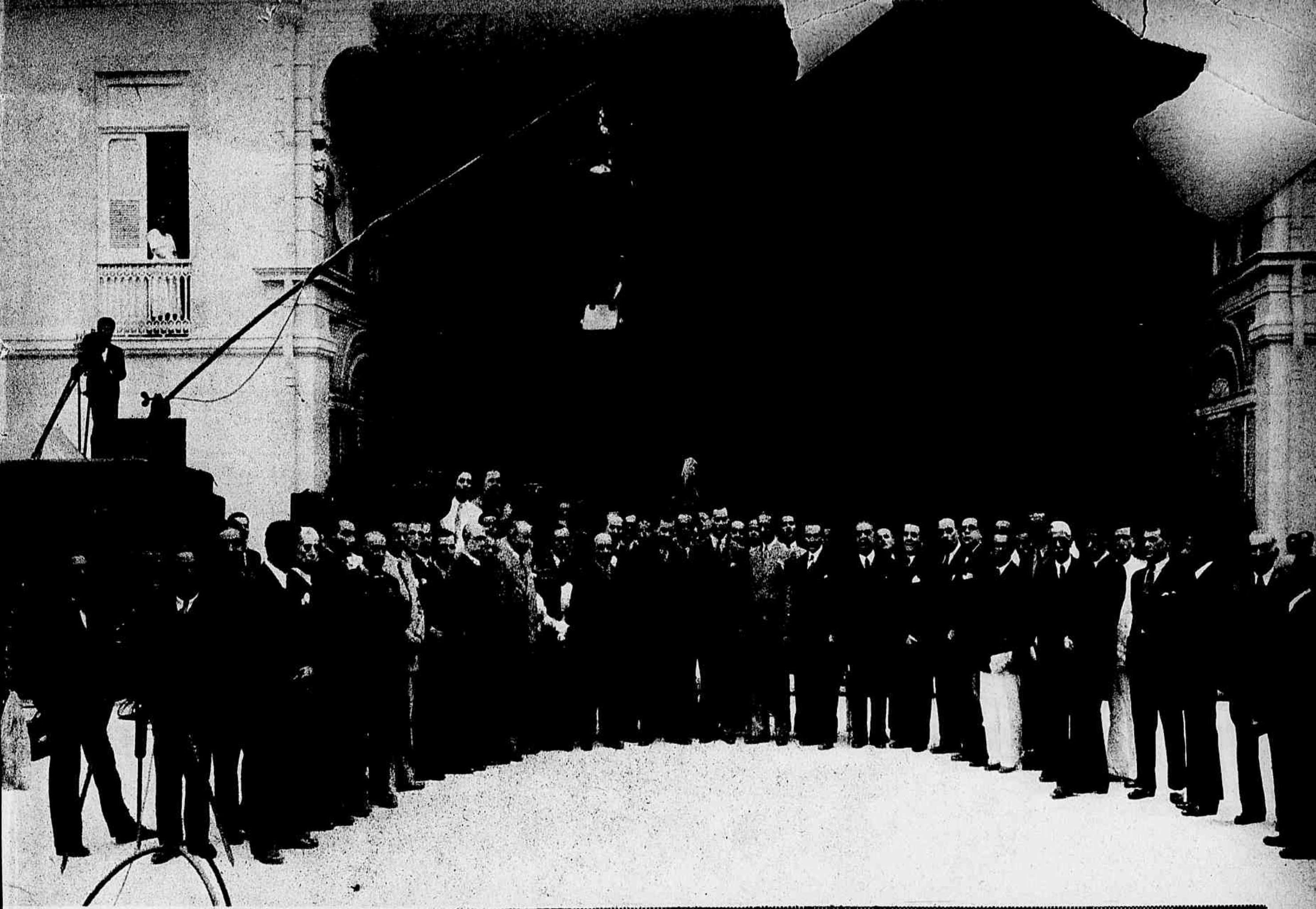
— — * — —

You Belong To Me é o titulo de estréa de Lee Tracy, na Paramount. Helen Mack é a pequena.

— — * — —

Boris Karloff continúa sinistro em *Black Room Mystery*, da Columbia.

— — * — —

Eleanor Phelps Baltimore, uma pequena da alta sociedade fez sua estréa no Cinema em *O Conde de Monte Christo*, da Reliance. O "Dantés", será Robert Donat.

DISCURSO proferido pelo Chefe do Governo Provisorio, por occasião da manifestação a elle prestada e organizada pela "Associação Cinematographica dos Productores Brasileiros", em agradecimento á assignatura das instrucções do artigo 13 sobre a obrigatoriedade de exhibição dos Films brasileiros, do decreto n.° 21.240:

"Um dos primordiaes objectivos do Governo Provisorio foi o de estimular o desenvolvimento intellectual, moral e physico do povo brasileiro. Valorisar a nossa producção, em todas as espheras da actividade, proteger as nossas industrias reaes melhorando-lhes as condições, constituiu o corollario daquelle principio basico, daquella directriz seguida pelos realizadores da Revolução.

Sanear a terra, polir a intelligencia e temperar o caracter do cidadão, adaptando-se ás necessidades do seu **habitat**, é o primeiro dever do Estado. Ora, entre os mais uteis factores de instrucção, de que dispõe o Estado moderno, inscreve-se o Cinema. Elemento de cultura influindo directamente sobre o raciocinio e a imaginação, elle apura as qualidades de observação, augmenta os cabedaes scientificos e divulga o conhecimento das coisas, sem exigir o esforço e as reservas de erudição que o livro requer e os mestres, nas suas aulas, reclamam.

A technica do Cinema corresponde aos imperativos da vida contemporanea. Ao revez das gerações de hontem, obrigadas a consumir largo tempo no exame demorado e minucioso dos textos, as de hoje e, principalmente, as de amanhã entrarão em contacto com os acontecimentos da historia e acompanharão os resultados das pesquizas experimentaes atravez das representações da téla sonora. Os chronistas do futuro basearão os seus commentarios nesses seguimentos vivos da realidade, colhidos em flagrante, no proprio tecido das circumstancias.

Se, nos centros de civilisação millenar, já exerce o Cinema tão alta funcção, muito maior será a sua importancia nos paizes novos, a exemplo do nosso. Amparando a industria Cinematographica nacional, o Governo Provisorio cumpriu dictame imperioso e irrecusavel. Por sua demesurada grandesa geographica, depara o Brasil, ao estadista, uma série de problemas complexos de ordem economica, politica e social, cujas soluções dependem da analyse rigorosa de certos dados fundamentaes, em geral obscuros e indecisos.

O papel do Cinema, nesse particular, póde ser verdadeiramente essencial. Elle approximará, pela visão incisiva dos factos, os differentes nucleos humanos, dispersos no territorio vasto da Republica. O caucheiro amazonico, o pescador nordestino, o pastor dos valles do Jaguaribe ou do São Francisco, os senhores de engenho pernambucanos, os plantadores de cacáo da Bahia seguirão de perto a existencia dos fazendeiros de S. Paulo e de Minas Geraes, dos creadores do Rio Grande do Sul, dos industriaes dos centros urbanos, os sertanejos verão as metropoles, em que se elabora o nosso progresso, e os citadinos, os campos e os planaltos do interior, onde se caldeia a nacionalidade do porvir.

A propaganda do Brasil não deve cifrarse, como até agora acontece, aos sectores estrangeiros. Faz-se tambem mistér, para nos unirmos cada vez mais, que nos conheçamos profundamente, afim de avaliarmos a riqueza das nossas possibilidades e estudarmos os meios seguros de aproveital-as, em beneficio da communhão.

O Cinema será, assim, o livro de imagens luminosas, em que as nossas populações praieiras e ruraes aprenderão a amar o Brasil, accrescendo a confiança nos destinos da Patria. Para a massa dos analphabetos, será essa a disciplina pedagogica mais perfeita, mais facil e impressiva. Para os letrados, para os responsaveis pelo exito da nossa administração será essa uma admiravel escola de aprendizagem.

Associando ao Cinema o radio e o culto racional dos sports, completará o governo um systema articulado de educação mental, moral e hygienica, dotando o Brasil dos instrumentos imprescindiveis á preparação de uma raça emprehendedora, resistente e varonil. E a raça que, assim, se formar será digna do patrimonio invejavel que recebeu."

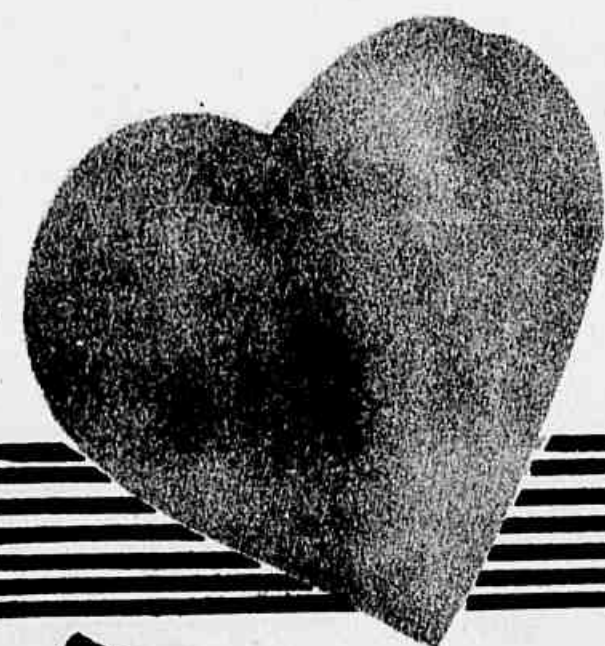
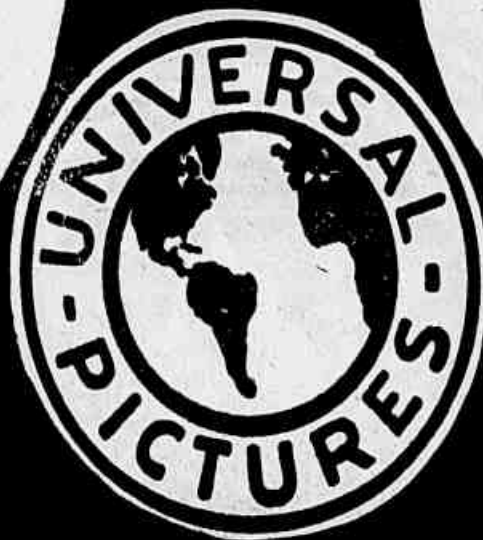
Grupo tirado no Palacio Guanabara, depois da manifestação, vendo-se o Chefe do Governo, Dr. Getulio Vargas, Ministros, todos elementos do Cinema Brasileiro e algumas das suas machinas, jornalistas, artistas e a directoria da "Associação Cinematographica dos Productores Brasileiros".

PELO CINEMA BRASILEIRO

ASPECTOS DA MANIFESTAÇÃO ORGANISADA PELA "ASSOCIAÇÃO CINEMATOGRAPHICA DE PRODUCTORES BRASILEIROS" AO DR. GETULIO VARGAS, CHEFE DO GOVERNO PROVISORIO.

A "Associaçao Cinematographica de Productores Brasileiros" tambem esteve na Prefeitura com o Dr. Pedro Ernesto.

O Chefe do Governno, Ministros e Productores no Palacio Guanabara.

Productores, Operadores e algumas das innumeras cameras que estavam paradas. .

UM FILM ADORAVEL E ALEGRE!
UM FILM CHEIO DE AMOR E BELLEZA!
UM FILM REPLETO DE HUMOR!
A MAIOR COMEDIA MUSICAL DO ANNO!

UNIVERSAL PICTURES

Douglas Fairbanks entre Benita Hume, Elsa Lanchester, Diana Napier e Joan Gardner em "The Private Life of D. Juan".

Douglas Fairbanks Snr. está Filmando "The Private Life of D. Juan", baseado no "L'omme a la rose", de Bataille.

E' uma das grandes producções da London Film para a temporada 1934-35 e Douglas rodeou-se de um elenco feminino capaz de fazer inveja ao proprio D. Juan: Benita Hume, Diana Napier (a favorita de Douglas Jnr. em "Catharina, a grande") Merle Oberon, Elsa Lanchester, Nathalie Paley, Binnie Barnes, Joan Gardner e Patricia Hilliard uma joven artista de 18 annos do palco londrino, que estréa neste Film.

Alexander Korda dirige com uma adaptação de Frederic Lonsdale e espera representar, com esta producção, a Inglaterra na proxima Exposição Internacional de Cinema em Veneza.

Douglas esteve Filmando os exteriores na Hespanha e contam, Barcelona, esta anecdota:

Quando um dos amigos de Fairbanks soube que o artista preparava-se para passar algum tempo na Hespanha, mandou-lhe um exemplar de "La Rebelion de las massas", a celebre obra de José Ortega y Gasset. Fairbanks leu o livro durante a viagem de Londres a Barcelona. Chegando a esta cidade, um reporter perguntou-lhe que pessoa na Hespanha tinha mais desejo de conhecer. Tão profunda foi a impressão causada pela leitura, que Douglas respondeu logo: Ortega!

O jornalista prometteu trazer Ortega ao hotel o que deixou Douglas encantado, com a perspectiva de conversar com o distincto philosopho hespanhol.

No dia seguinte, o telephone tocou annunciando que o *señor* Ortega esperava o artista no *hall*. Douglas desceu immediatamente e, emocionado, apertou a mão de um cavalheiro de aspecto bastante avantajado, que estava ao lado do jornalista.

— Não imaginava ter tão cedo a honra de conhecel-o — diz Douglas. *La Rebelion de las massas* é um livro soberbo e a leitura do mesmo abriu-me campos até agora desconhecidos.

— Que rebelião, que livro? — perguntou assombrado o cavalheiro. Sou um homem pacifico e não me agradam muito os livros!

— Mas não é o senhor José Ortega y Gasset o grande escriptor? — diz Douglas.

— Sim este é Ortega—acode o jornalista. Como me disse que queria conhecer Ortega, *tout court*, sem o Gasset, pensei que se referia ao primeiro toureiro de Hespanha. E aqui está elle...

Assim, Douglas Snr. voltou a Londres com o autographo do toureiro Ortega na primeira pagina do livro de Ortega y Gasset...

——

Depois de "Henrique VIII" e da estupenda "Catharina a Grande", tudo é licito esperar da London Films. Ludovic Toeplitz deixou esta empresa para formar uma companhia propria, mas Douglas Fairbanks e Alexander Korda pretendem levar avante os grandes planos que têm em mente e ahi estão os principaes Films para a temporada 1934-35.

A maior producção será, sem duvida, "The Field of the Cloth of Gold", apresentando uma celebre reunião imperial, um dos capitulos mais interessantes da historia de França e Inglaterra.

Neste Film encontraremos os personagens de "Henrique VIII": Charles Laughton vivendo o rei Barba-Azul e Merle Oberon de novo como Anna Boleym. Além destes, Maurice Chevalier personificará Francisco I. Douglas Fairbanks Jr. será o imperador Carlos Quinto e Flora Robson, esta notavel artista, surgirá como Catharina de Aragão.

Maurice Chevalier surgirá num papel inteiramente differente dos que tem feito em "The Marshall". E' a historia de um "poilu" que torna-se marechal, durante a travessia dos exercitos napoleonicos pela Europa.

ELIZABETH BERGNER. — Um presente para o mundo e uma perda para a Allemanha — por decreto Hitlerista. Miss Bergner tem sido nestes ultimos annos, soberana absoluta no coração dos frequentadores de theatro em Berlim. Seus papeis vão de Julieta e Rosalinda de Shakespeare a Dama das Camelias de Dumas, até Mrs. Cheyney de Lonsdale e Santa Joana de Shaw.

Mas agora a Allemanha não póde mais adorar a Bergner em carne, nem contemplar com fervor a sua sombra. A exilada está em Londres representando seu primeiro papel inglez na nova peça de Margaret Kennedy: Escape me Never. Seu Film Catharina a grande foi banido das telas allemães. Immensa deve ser a dôr de Bergner pelo seu forçado exilio da Allemanha. Mas a ardente acolhida ingleza deve consolal-a. O mundo já glorificou sua Catharina e a America espera apparição no proximo outomno no palco new-yorkino em Escape me Never...

"O Pimpinola Escarlate", a popular figura creada nos romances da Baroneza Orczy, terá como interprete Douglas Jr. ou Leslie Howard. Douglas será um milhão de vezes superior, sem duvida alguma. E por falar nelle... é voz corrente em Londres que casar-se-á breve com a artista ingleza Gertrude Lawrence (nós já a vimos em "A Batalha de Paris"). Voltaram ambos de Maiorca e vão apparecer juntos no palco, em "Winding Journey"...

"A Vida Futura" é uma historia que está sendo preparada pelo escriptor H. Wells e que constituirá um Film abordando os problemas da vida, da civilização e da guerra em 2050.

"Kongo Rand", cujos exteriores foram apanhados no Congo Belga é inspirado no livro de Edger Wallace: "Commissioner Sand". Focalisa aventuras nas regiões inexploradas da Africa.

Alexander Korda espera realisar uma "Vida de Christo", Filmada na Terra Santa com artistas anonymos e toda a deferencia possivel ao assumpto.

——

Pola Negri vae tentar outra volta ao Cinema... A bella "star" poloneza produziu ha pouco, em Paris, o Film "Fanatismo". Mas sua volta parece prometter e numa pellicula ingleza produzida por Julius Hagen para a Radio Pictures: Trata-se de "Bella Donna" uma das mais fascinantes creações de Pola nos tempos gloriosos da Paramount. John Stuart e Mary Ellis apparecerão ao seu lado. Vamos ver se Pola Negri ainda consegue encher de seducção, o papel da cigana ardente e temperamental...

Um grande espectaculo a ser apresentado pela Gaumont British, feito pela Progress Pictures Ltd, é "Forbidden Territory" — baseado no romance de Dennis Wheatley.

No seu elenco vamos encontrar a inconfundivel figura de Nora Gregor, aquella deliciosa austriaca que vimos no Film americano "Conquistador irresistivel", como uma viuvinha amada por Robert Montgomery, lembram-se? Nora Gregor teria um notavel papel em "La Tendresse", se Norma Shearer tivesse continuado este Film. Mas como tal não se deu, Nora Gregor voltou a Europa e já appareceu na comedia musical da Cine Allianz: "Was Frau Traeum", Binnie Barnes, (a encantadora Catharina Howard em "Henrique VIII) a bailarina Tamara Desni, Gregory Ratoff (dos Films de Hollywood) Anthony Bushell e Malcom Todd estão ao lado da deliciosa actriz vienense.

——

A medalha de ouro que o Film Weekly de Londres, offerece annualmente ao melhor desempenho Cinematographico, foi conquistada por Madelaine Carroll com sua creação no famoso Film "I Was a Spy" — que a Fox está custando a trazer até nós...

Madelaine foi emprestada pela Gaumont-British á Fox, conforme o intercambio convencionado entre as duas empresas. Mas terminado o seu trabalho em de volta á Inglaterra, onde será Maria Stuart da pel- "The World Moves On", Madelaine já embarcou licula: "Mary, Queen of Scots" — um dos papeis mais ambicionados pelas artistas de Londres.

Madeleine Carroll ha seis annos é uma favorita do publico inglez, primeiro no palco depois na tela. Sua apparição em qualquer logar arrasta multidões. Entretanto, só "I Was a Spy" espalhou sua fama pelo mundo todo.

Miss Carroll já fez Film em Paris e Berlim mas o seu primeiro succe so Cinematographico foi em "The Gun of Loos", o primeiro importante *talkie* produzido pelos Studios inglezes. A "star" conseguiu este papel, vencedora num concurso como o typo ideal da belleza feminina ingleza.

Madeleine Carroll.

Madeleine é ainda uma figura de proeminencia social, sendo esposa de Sir Phillip Astley que a acompanhou agora á Hollywood.

Antes do seu successo mundial, recebeu diversas offertas de Hollywood, sendo a mais notavel aquella que a Fox lhe fez para o papel de Jane Marryot, no inesquecivel "Cavalcade".

John Stuart do Cinema Inglez.

Madeleine por não se achar ainda uma artista de facto para tal papel, que tanto exito trouxe para outra ingleza Diana Wynyard, recusou-o. A verdade é que a sorte velava por Miss Carroll. Se tivesse acceito esta proposta de Hollywood, não teria a "chance" de triumphar em "I Was a Spy!.."

——

Evelyn Laye é outra "star" ingleza que está sendo tentada pelos Studios americanos. Actualmente, ella está indecisa entre um contracto offerecido pela M. G. M. e outro pela Gaumont-British. Evelyn teme não se sahir bem em Hollywood. Ella já tentou uma vez e não foi muito feliz... Lembram-se de sua apparição ao lado de John Boles em "Uma Noite Sublime?"

O ultimo Film de Miss Laye apresentado em Londres é a musical "Princess Charming" com Harry Wilcoxon, que por signal tambem está em Hollywood, contractado pela Paramount.

Outra que recusou propostas de Hollywood é a moreninha Jessie Mathews. E' um typo assim á Lupe Velez e uma das mais populares estrellas do Cinema Inglez. Tem tido, ultimamente, grandes successos como na opereta "Wiennese Waltzes"; em "Evergreen" com a veterana Betty Balfour e Sonnie Hale. E, principalmente, na producção dramatica de Victor Saville: "Friday the 13th" onde Jessie figura num "cast" notavel: Sonnie Hale, Muriel Aked, Belle Chrystall e aquelle esplendido casal romantico de "Cavalcade": Frank Lawton e a loura Ursula Jeans.

"Friday the 13th" é um dos mais interessantes Films inglezes ultimamente apresentados. Diversas pessoas são mortas num desastre de omnibus, durante uma tempestade. Os incidentes capitaes da vida de cada victima são traçados até o dia da tragedia e cada historia é um estudo de humana e forte psychologia.

——

Mais outra inglezinha renunciando contractos de Hollywood: a loura e bonita Dorothy Hyson — a "partenaire" de Boris Karloff em "The Ghoul" e comediante em "Turkey Time".

Dorothy é, tambem, um dos nomes importantes no Cinema inglez mas declara que não quer ser feita pelos Films americanos. Só trocará Elstree por Hollywood, quando for um nome mundialmente famoso...

Mas apesar destas excepções, o intercambio de artistas inglezes e americanos continúa cada vez mais intenso. Victor Mac Laglen veiu fazer "Dick Turpin", Hoot Gibson está nos Studios da Warners em Teddington, fazendo "A Cowboy in London". Nils Asther, Geneviéve Tobin, Edward Everet Horton, Sam Hardy, Warner Baxter e Spencer Tracy estão em Londres, Charles Farrell e sua esposa Virginia Valli vão apparecer em "Beauty Ball", da Vogue-Film, dirigido por Monty Banks. A Gaumont British contractou George Arliss para um Film. Dorothéa Wieck está as margens de Tamisa procedente de Hollywood. E' provavel que faça um Film.

Em

(*Especial para* CINEARTE)

Bebe Daniels acaba de vender para a B. I. P. o seu argumento "Cross Your Fingers" por 1.000 libras esterlinas! E é esperada na capital ingleza para o principal papel na linda opereta "A Ultima Valsa". Vocês sabem que Bebe é uma cantora deliciosa.

Thomas Meighan vae reapparecer em "Somehow Good!" Anna May Wong está em Londres e declara que não abandonará tão cedo a capital ingleza. Seu Film "Java Head", baseado na historia de Joseph Hergesheimer, foi muito bem recebido e a exotica estrellinha é querida em Londres desde os tempos de "Piccadilly".

Tem agora o papel de Zaharat na reedição sonora de *Chu-Chin-Chow*, para este Film foi contractado Fritz Kortner notavel actor allemão que é, como Elizabeth Bergner, um exilado nazi.

Conrad Veidt foi contractado pela Gaumont-British por um anno. Florence Desmond, Edna Best (a esposa de Herbert Marshall. Estreou no Cinema Americano em "The Key") Tallulah Bankhead, Jill Esmond e Laurence Olivier são inglezes de volta á Londres e quasi todos para trabalhar nos Studios. Constance Cummings e seu marido Benn Lewy tambem chegaram, vindos de Hollywood. Devido ao successo de seus Films feitos no anno findo, Constance foi contractada pela London Film.

Agora, deixando o "fog" do Tamisa rumo ao sol da California: Frank Lawton, Binnie Barnes e Renée Gadd contractados pela Universal. Robert Donat, Sidney Howard e o director Herbert Wilcox emprestados á United Artists. E tambem contractada por esta empresa: Jane Baxter, estrella do palco e da tela ingleza, que teve um papel em "The Constant Nymph" com Brian Aherne.

Eric Linden, aquelle explendido artista que fugiu de Hollywood sem dar explicações, recebeu uma offerta dos Studios londrinos de 100.000 dollares para fazer dois Films. Eric recusou-a porque não quer, diz elle, negocios com o Cinema neste momento. Ethel Barrymore esteve em Londres representando a peça de Barrie: "The Twelve Ponds Look", que aliás foi sua peça de estréa em New York em 1911... Um reporter perguntou-lhe se acceitaria apparecer em Films inglezes. A Barrymore tomou uma pose magestosa e respondeu rispida:

— Hollywood — e "Rasputin" — curaram-me por completo de todo o desejo de manter relações com o Cinema...

——

— Estréas em Londres: "Mademoiselle Zaza", comedia musicada da Gaumont British, com a comediante Cicely Courtneidge, Sam Hardy, Ann Hepo, Phyllis Clare e Billy Milton.

A versão ingleza de "La Bataille" foi apresentada pela G. British. Successo notavel.

Elenco: Charles Boyer, John Loder, Betty Stockfield, Inkijinoff e a bellissima Merle Oberon no papel de Annabella.

"It's A Boy", comedia da G. British, com Edward Everet Horton, Heather Tatcher e a loura Wendy Barrie (a Jane Seymour de "Henrique VIII) Wendy é tambem a estrella de "Without You" (Fox) e "The Man I Want".

"The Warren Case" (Pathé) é uma historia de crimes. Mas a figura bonita de Diana Napier consegue compensar o ingrato assumpto.

"Love, Life and Laughter" (A. B. F. D.) tem Gracie Fields, Veronica Baxter, Fred Duprez e John Loder.

Loder, logo no inicio do Cinema falado, foi uma das melhores promessas de Hollywood. E' um actor esplendido que os Films americanos não aproveitaram.

ropa

Lembram-se delle em "Alraune" com Brigitte Helm?

John Loder é tambem o interprete de "Rolling in Money" (Fox) com Isabel Jeans.

"Boomerang", como o nome o diz, é uma historia australiana. A interprete é a elegantissima Nora Swimburne.

"By Pass to Happiness" (Fox) tem a bailarina Tamara Desni, Kay Hammond e Maurice Evans.

"Designing Women" é interpretado por Valerie Taylor, que vimos ha pouco em "Romance Antigo", e Tyrrel Davis.

It's A Cop", comedia da British Dominions, tem Sydney Howard, Annie Esmond e a adoravel Dorothy Bouchier.

"Lucky Loose" é um drama com Annie Esmond, Anna Lee e Robert Dolman.

"Night Club Queen" da G. British tem uma notavel creação de Mary Clare, a interprete de "Cavalcade" no Drury Lane.

——

Da producção Cinematographica poloneza, desta estação, destaca-se "Pod Twoja Obrone" (Sob tua proteção, ó Virgem) Film de aviação e fé, cujo successo se tem estendido até ao extrangeiro.

E' a pellicula vencedora do concurso organisado pelo periodico polonez Kino, como o melhor Film nacional destes ultimos tempos.

E' uma producção da Dolto Film de Varsovia e tem a interpretação de Maria Bogda e Adam Brodzisz duas figuras cuja belleza e photogenia em nada ficam a dever aos artistas americanos.

No Studio da Kemera Film, está em Filmagem "Attentado Shallow", com Nora Ney e Maria Bogda.

Os italianos terão, em breve, um centro de producção que poderá ser comparado á Hollywood. Em Tirrenia, praia ao sul de Livornio, no golfo de Genova, está em construcção uma cidade dedicada á industria do Cinema.

Dos Films em producção nos Studios italianos, o mais promettedor é "La signora di tutti", baseado no romance de Salvador Gotta.

Max Ophüls dirige no Studio da Cines.

Elenco: Memo Benassi, Tatiana Pavlowa e Isa Miranda, que será a maior revelação artistica de 1934.

Films apresentados: "Seconda B" (Conzorsio I. C. A. R. Roma) dirigido por Alessandrini. E' um estudo num collegio feminino, de antes da guerra. Interpretação: Maria Denis, Sergio Tofano e Zoppetti.

"Napoli verde e blu", da Cordu **Film de Napoles, é um Film musical com os interpretes da canção napolitana: Buti, Ellen Meis, Lina Cenneri, Pajacio, etc.**

"La Cieca di Sorrento" da Manenti Film, é uma producção historica focalisando o Napoles de 1840. Dria Paola, Corrado Racca e Vera Dani.

"La signora paradiso", da Tirrenia Film, com Mino Dore, um **dos galãs mais** cotados na Italia, **Memo Benassi e Elsa de Giorgi.**

"Piccola mia", da **Conzorsio Film Italiane**, é um apreciavel drama com a interpretação da bellissima Germana Paolieri, com Ernesto Sabatini. Germana Paolieri tambem é a estrella de "Acqua cheta, comedia.

"Oggi sposi", da S. A. P. F. dirigida por Guido Brignone, tem como estrella a fascinante Leda Gloria, Ugo Ceseri e Gallina.

"Treno Popolare", da S. A. F. I. R. dirigido por Rafael Matarazzo, tem o elenco: Maria Denis (uma explendida artista) Lina Germani e Spada.

Marcella Albani aquella linda morena que foi a estrella de tantos Films europeus silenciosos (lembram-se de "Dagfin?) além de artista, é hoje uma escriptora de muito valor. E' autora de "Straniera" e agora de "Strade". Seu Film mais recente é "Ritorno alla terra", dirigido por Franchini, para a Albani Film.

Depois de longa estadia no estrangeiro a estrella italiana Carmen Boni volta á patria para interpretar a versão italiana de "Cette Vieille Canaille" feita pela Amato. Chama-se o Film "La vecchia canaglia" e além da bonita Carmen Boni, tem no elenco Ruggero Ruggeri e Mino Doro.

A S. A. P. F. tem prompta a versão italiana de "Melo", de Bernstein.

A Alla Caesar vae se encarregar da versão italiana de "Odette", o drama de Sardou, que está sendo refilmado por uma fabrica franceza. Será estrella das duas versões — imaginem! A famosa Francisca Bertini! Dizem que ella ainda está bonita como nos seus aureos tempos...

De 19 a 25 de Abril passado, teve logar em Roma um grande Congresso sobre o Cinema Educativo. As sessões realisaram-se no Capitolio.

Ann Hope e Billy Milton em "Mademoiselle Zaza".

——

Em Portugal a Tobis está fazendo Films educativos. "Amor de Perdição" vae ser refilmado e Dina Teresa, a popular interprete de "A Severa", estará no elenco.

Vão Filmar "Reposteiro Verde", de Julio Dantas. Será usado o material sonoro do Bloco H. da Costa e os interiores serão feitos no Studio da Tobis. Exteriores na Ilha da Madeira. O Film chamar-se-á "Fim de raça". Interprete: Brunhilde Judice, a bonita actriz que conhecemos pessoalmente e que já foi estrella de Films lusitanos. Lembram-se de "Mulheres da Beira?"

H. da Costa apresentou seu Film "Gado Bravo", com successo. Raul Carvalho, Nita Brandão e Olly Gebauer, a Miss Vienna 1930, são os principaes.

——

Por iniciativa de Eric Patterson, a Swenska-Nordisk-Ton-Film fará 4 Films na proxima estação, em versões suecas e dinamarquezas, nos Studios da Nordisk em Valby.

Nos Studios A. B. de Praga foi terminada a versão allemã da producção da Moldium Film: "Vida de Cão", com Lien Deyers.

Dorothy Hyson e Ralph Lym em "Turkey Time".

Jane Baxter com Victoria Hopper e Poggy Blythe numa scena de "The Constant Nymph".

Uma scena do Film polonez: "Sob tua protecção ó Virgem"

Maria Denis em "Seconda B".

Isa Miranda.

A Slavs-Film de Praga está fazendo em versões allemã e tchéca, a opereta de Straus: "Uma mulher que sabe o que vale". A bonita e vibrante Lil Dagover é a estrella da versão allemã.

No Vita Atelier de Vienna terminaram as Filmagens de "Maskerade" com a seductora Olga Tchescowa, Walter Janse e Willi Forst. "Carneval der liebe" da Pan-Film com Lien Deyers.

Na Hungria, a adoravel "vedette" Franziska Gaal que tanto successo alcançou com seu Film "Fruit Vert", faz agora sob a direcção de Geza Von Bolvary a comedia musicada: "Parada de Primavera". Franziska é uma artista sob contracto com a Universal allemã.

Em 1933, foram apresentados na Austria 109 Films allemães, 90 americanos, 5 tchécos, 3 francezas, 2 polacas, 102 austriacos.

Foi apresentada na Hollanda, a primeira producção neerlandeza falada: "Les Jantjes". Interpretada e dirigida por hollandezes com dialogo flamengo. Alcançou consideravel successo.

Claudette Colbert sob a direcção de John Stahl! Este grande acontecimento será no Film da Universal: "Imitation of Life".

——

June Knight e seu actual namorado, Russ Columbo serão os principaes em "Castles in the Ais" da Universal.

——

Elizabeth Young, que vimos ao lado de Garbo em "Rainha Christina" casou-se com Joseph Mankiewicz, scenarista.

——

Neil Hamilton, Miriam Jordan, Lona André, Hardre Albright, Henry Armetta, Dorothy Appleby e Bethy Blythe estão no Film da RKO-Radio: "Tno Heads on a Pillow".

——

Ida Lupino anda num namoro ferrado com Kent Taylor. Talvez por isso a Paramount os reuniu em "People Will Talk". E aqui estamos nós á falar...

——

Carlos Gardel está em New York trabalhando em "shorts" e Films em hespanhol, no Studio da Paramount em Long Island. Em "The Downfall" elle apparecerá com Vicente Padula e a bellissima Mona Maris.

Sterling no Film da Paramount, "Alice no paiz das maravilhas"

Sterling, Kay Deslys, Dorothy Ward e Eddie Nugent numa comedia da Universal.

Quem é Sterling Holloway

STERLING HOLLOWAY, aquelle rapaz de typo tão original, que, pouco a pouco, lenta, mas gradualmente, se foi infiltrando na admiração divertida dos "fans", póde dizer-se que é, como actor comico, em Cinema, um caso raro. Holloway faz rir, mas com isso se contenta! Não tem a mania de interpretar tragedias!

Quem não conhece a predilecção de Chaplin pelo melancolico Hamlet? Langdon já exprimiu o desejo de se aprofundar no drama e o proprio Eddie Cantor de quando em quando se queixa de só fazer comicas. Holloway, não.

Palavras delle:

— Mesmo que tivesse taes fumaças, o espelho lá de casa não me deixaria alimentar illusões. Com esta cara, com esta figura? Não dava certo!

Este esgrouviado rapaz, de modos provincianos e ar de quem não liga muita importancia á vida, introduziu, no Cinema, um novo typo de comedia, que agrada a todos os paladares. Ha na personalidade delle qualquer coisa de pathetico, que toca o coração, uma doçura que encanta, uma sympathia, que, ás vezes, chega a provocar as lagrimas. A voz de falsete e a vaga attitude de uma pessoa que anda eternamente deslocada completam o originalissimo typo de Holloway. O artista é assim uma especie de Zasu Pitts masculino.

Nascido em Georgia, na villa de Cedartown, terra dos cedros, Holloway desde pequeno que sonhava em entrar para o theatro. Frequentando a Georgia Military Academy, tantas vezes faltou para ir ao theatro, em Atlanta, que acabaram por suspendel-o. O pae, corretor de algodão, sympathizando com as aspirações do filho, resolveu mandal-o para uma escola dramatica de New York.

Emquanto lá esteve, Holloway attrahiu a attenção da gente do Guild, trabalhando em "Fata Morgana" e "The Failures". Foram seus condiscipulos, nessa epoca, Pat O'Brien, Spencer Tracy, Kay Johnson e George Meeker.

Quando recorda esses tempos, Holloway confessa, com a sua voz hesitante, que estava convencido de poder assombrar o mundo com a sua arte.

— Primeiro, pensei em dedicar-me ao drama, mas, um dia, o professor perguntou-me: "Nunca te viste ao espelho?" Foi agua na fervura...

"Embora, porém, houvesse firmemente decidido abraçar o genero comico, o primeiro papel de verdade que interpretei era terrivelmnte tragico. Imaginem! O Petie, aquelle rapazinho meio idiota de "Shepherd of the Hills". Fiz o Petie num elenco ambulante, correndo todo o oeste e o oeste central. Por espaco de muitos mezes, "morria" todas as noites. Não havia velha que não chorasse como um bezerro e mesmo algumas moças não se continham sem assoar o nariz. Um successo de arromba!

A face de Holloway illumina-se com um largo sorriso.

— Appareci pela primeira vez no Cinema em 1927, trabalhando com Wallace Beery em "Parceiros na malandragem". O Film sahiu horrivel e a minha interpretação ainda peor. Voltei logo a New York. No Guild, começava-se a escolher o elenco de "Carrick Gaieties", uma revista maluca e jovial. Ninguem fazia fé, mas a peca esteve em scena onze mezes!

Depois desse successo, Holloway appareceu em mais quatro revistas, sempre em papeis de destaque, até tornar-se um dos artistas predilectos do publico.

Mais tarde, viu augmentar ainda o seu prestigio, na comedia musical "Rain or Shine", foi parceiro de Frances Williams, no Ciro, de New York, e um "entertainer" muito popular dos clubs nocturnos da Broadway.

Como artista de radio, Holloway faz rir os ouvintes sem dizer piadas ou contar anecdotas. Basta-lhe falar com aquella voz lenta e arrastada, que tão bem exprime um cerebro indeciso.

Já fez vinte e seis annos, mas não parece ter mais de dezenove.

— Não tinha intenção de entrar para o Cinema. Toda a minha vida profissional tem decorrido no theatro. Demais, nunca levei o Cinema muito a sério.

Todavia, depois de fazer um pequeno papel em "American Madness" decidi tentar o Studio. Organizei, pois uma lista de directores, com os quaes me seria agradavel trabalhar, homens, que, na minha opinião, me poderiam ensinar alguma coisa da technica Cinematographica, melhorando, ao mesmo tempo, os meus conhecimentos da scena theatral."

A lista de Holloway incluia os nomes de Frank Capra, William K. Howard, Frank Borzage, Henry King e Ernst Lubitsch, todos elles homens de reconhecida e excepcional capacidade.

— Depois do fracasso de "Parceiros na malandragem" a ansia de me rehabilitar tornou ainda mais forte o desejo de fazer qualquer coisa de aproveitavel. Ficaria temporariamente afastado do theatro, mas provaria que não me escasseavam certas qualidades, que não pudera mostrar. Estava ainda firmemente resolvido a só trabalhar com os directores cujos nomes inscrevera na lista.

A audacia do joven Holloway! Nunca se viu em Cinema um principiante assim exigente!

— Eu queria aprender sob a direcção delles, e achava preferivel fazer pontas em Films dessa gente a ter que perder o meu tempo nas mãos de outros menos capazes... Cheguei, effectivamente, a trabalhar com tres dos cinco directores que escolhera... Hoje, porém, penso melhor. Devo fazer o maior numero de papeis possiveis e os mais diversos, embora sempre dentro do genero comico. Tive receio de que o publico se fosse rir de mim em "Além do inferno" na scena da morte, mas vi, depois, que o meu medo era infundado.

Holloway fez no Film aquelle joven marinheiro, que morria no interior do submarino.

— Realmente, não me senti nada á vontade dentro do papel. Parecia fóra do meu elemento.

Como se vê, Holloway não tem mesmo nenhumas pretenções a actor dramatico.

E' um artista sobrio, limpo, inimigo de redundancias e de exaggeros, mas dotado de uma rara comicidade que irresistivelmente se impõe em qualquer scena. Tem apparecido quasi sempre em pequenos papeis, mas em todos se distingue por uma singular technica de processos, que lhe dá um lugar á parte na admiração do publico.

"Advice to the Lovelorn", Film que recentemente completou, deve prestigial-o ainda mais, abrindo-lhe o caminho para mais largos vôos, como artista comico. O nome principal da pellicula é Lee Tracy, e Holloway interpreta Bennie, "boy" de escriptorio a quem o heroe escolhe para ajudante, numa secção de consultas amorosas. O papel adapta-se esplendidamente ao feitio do artista.

Quando Holloway canta, vale a pena ouvil-o. Que voz original e como impressiona! Os gestos de Holloway são lentos, mas denunciam o verdadeiro artista da pantomima. Nesse ponto, nenhum actor do Cinema o excede!

Holloway dansa com inconfundivel graça, é um homem de espirito, e á sua descansada pronuncia sulista se deve attribuir a faculdade de tornar comicos os ditos mais simples.

O seu maior problema na vida consiste em tirar constantemente dos olhos, azues e penetrantes, o cabello sempre em desalinho. Quando lhe perguntam de que é que mais gosta, responde, com um ar altivo e conciso:

— De dormir!

O primeiro Film de Ramon Novarro na Metro, ao voltar de sua "tournée" pela America do Sul será a famosa peça hungara: **Her Excelleny's Tobacco Shof.**

IRENE BENTLEY

a pianista de que a Fox tomou conta...

J E A N

P A R K E R

está na caravana da fama. ———

De figurante em "Rasputin" a principal figura de "Caravan"

Seu trabalho em "Little Women" valeu-lhe papeis importantes em "Lazy River" e "Caravan".

VOU CONTINUAR! Foi a phrase de Katharine Hepburn, depois da sua primeira noite como estrella da Broadway e de publicadas as apreciações pouco lisonjeiras dos criticos.

Tinham perguntado á actriz, em ar de duvida:

— E agora?

— Vou continuar!

Resposta clara, concisa, caracteristica. Muito propria da Hepburn.

Katharine, que, em menos dum anno, se tornou uma das celebridades do Cinema, gosta de dizer as coisas sem rodeios:

— Voltei ao theatro para me aperfeiçoar na arte de representar. Talvez, na verdade, ainda não esteja em condições de ser estrella no palco. E' preciso ver que é esta a terceira vez que appareço na Broadway e que das outras duas apenas fiz pontas.

"No Cinema, tive o beneficio da ajuda dos directores. Gostei mais do Studio do que esperava. Ainda gosto e vou voltar a Hollywood, mas não penso em renunciar ao theatro. Representar diante duma platéa, sentir-lhe as reacções e respostas, interpretar o mesmo papel de novo muitas noites, tudo isso são coisas que me agradam e de que necessito para minha experiencia. Vou continuar".

As centenas de espectadores, que esperavam pacientemente á porta do theatro, só para a ver entrar no automovel, não pertenciam a critica theatral dos jornaes. Eram apenas "fans" de Cinema, que haviam amado a heroina de "Little Women" e "Manhã de gloria". Depois de verem Katharine em carne e osso na peça "The Lake", todos falavam enthusiasticamente sobre o seu idolo Cinematographico.

— Não quero saber do que os outros dizem! — exclamava uma matrona de muitas carnes. O theatro está sempre cheio e todas as noites o povo a espera cá fóra!

De facto. A' porta da "caixa", perfilavam-se guardas especiaes, com a lista das pessoas que podiam entrar para falar com a estrella. O "chauffeur" de Katharine, um irlandez gigantesco, de face bonachona, despachava diplomaticamente os caçadores de autographos, que procuravam, por seu intermedio, approximar-se da actriz.

A multidão invadira a escadaria da estrada do theatro, entupia o caminho da porta da "caixa" para o automovel de Katharine. Centenas de "fans" esperavam no meio da rua. De repente, um sussurro, um borborinho geral. O "chauffeur", dum salto, ia abrindo caminho aos empurrões.

— Charlie! — gritavam-lhe de todos os lados.

O porteiro da "caixa" fez sahir Katharine.

Alta, esbelta, vestindo uma capa por cima do costume com que entrava no terceiro acto, descoberta a encaracolada cabelleira castanha, o sorriso facil, uma desculpa sempre nos labios, a cada esbarrão nalgum admirador mais precipitado, Katharine aproximava-se graciosamente do carro, embarcava e partia, emquanto os policiaes continham a multidão enthusiasmada.

— Que mulher feliz! — dizia-se.

Assim parecia. Que mais poderia Katharine desejar? Dona dum automovel carissimo, de vestidos, de pelles de luxo, vendo o nome em letras luminosas á porta dum theatro, sabendo-se celebre, não só em Times Square, mas em todo o mundo, proprietaria duma casa bella e confortavel... Katharine devia ser realmente uma mulher feliz!

E, no entanto... Katharine ainda não está contente!

— Vou continuar!

Sem se impressionar com as opiniões dos criticos, que não gostaram della em "The Lake", e sem perder a cabeça tambem com as homenagens que o publico lhe tributou, quando da sua volta ao theatro, Katharine continuou no seu caminho para a frente.

Está firmemente resolvida a alcançar no palco as mesmas glorias que, no Cinema, lhe deram logar tão proeminente. Não é que não ligue importancia ás palavras dos criticos. Quando se annunciou a estréa da actriz em "The Lake", alguns delles recordaram, com orgulho, os elogios que, noutros tempos, lhe tinham feito, e se, agora, a trataram com reserva, depois de vel-a na peça, é porque effectivamente o desempenho de Katharine não lhes agradou.

Katherine e Pau' Lukas numa scena de "Little Women" da R.K.O

Vou continuar

Katharine leu cuidadosamente tudo o que a seu respeito se escreveu. Disseram, por exemplo, que lhe faltava flexibilidade á voz e a gesticulação. Tratou de melhoral-as, reiniciando os estudos, que interrompera, ao partir, ha dois annos, para Hollywood. Fez mais. Estudou francez, esgrima, dicção e dansa.

Os milhares de "fans" de Katharine não fazem idéa da labuta a que a estrella se entrega para progredir na sua carreira. Ella pratica exercicios de cultura phisica, ella segue dietas, ella obedece a um systema de vida que se póde chamar verdadeiramente espartano. E' uma escrava do seu trabalho e das suas aspirações. Nos seus primeiros annos de luta, não houve nada que conseguisse desanimal-a, embora tivesse desillusões bem amargas. Nada a deteve, porque o seu designio era ir para a frente.

Ha quatro annos, Katharine representava pequenos papeis no Berkshire Playhouse, em Stockbridge, Massachusetts. A sua amiga Laura Harding tambem interpretava pontas. Jane Wyatt, hoje excellente "ingenua" do theatro, estudava numa escola dramatica do Berkshire. Quem fazia a companhia eram artistas de nome na Broadway.

Depois de dois annos de decepções, desde que se formara na Bryn Mawr, Katharine inda não sahira das pontas, mas, partindo todos os dias para Stockbridge, no seu pequeno carro, de cigano na mão e com uma brochura franceza debaixo do braço, nem um só momento lhe faltou a confiança no futuro.

(*Termina no fim do numero*)

Texto de OSCAR ARRUDA, especial para "CINEARTE"

Caricaturas de JOCAL

LUPE VELEZ — Môlho de pimenta engarrafado.

CHARLES CHAPLIN — Um "clown", que tirou a sorte grande, e não quiz mudar de profissão.

JANET GAYNOR — Bonequinha de porcellana, com vestido de luxo.

LAUREL & HARDY — Um bilboquet excentrico.

MARIE DRESSLER — Um sapato usado, forrado com pelle de jacaré.

GEORGE O'BRIEN — Desenho de Homem Forte para reclame de fortificante.

DOUGLAS FAIRBANKS, PAE — Um campeão de athletismo... decadente.

MARY PICKFORD — Um movel de estylo moderno, fabricado com madeira velha.

MAURICE CHEVALIER — Um professor que ensina o modo de cantar fazendo caretas.

RAUL ROULIEN — Um homem que foi a Hollywood, em busca de Mme. "Gloria", e, conseguiu encontral-a.

JOE E. BROWN — Um tunel que se transformou em bocca.

BORIS KARLOFF — "Papão" para metter medo ás creanças... grandes.

ADOLPHE MENJOU — D'Artagnan, de "smocking", sem cavallo e sem espada.

RAMON NOVARRO — Meia garrafa de Elixir de Amor.

LAWRENCE TIBBET — Um Trovão que aprendeu a cantar.

BUCK JONES — "Mãos ao alto!" Annuncio de casa de armas de fogo.

JOHN BARRYMORE — Cyrano de Bergerac... norte-americano.

BUSTER KEATON — Um "Caradura" (bond mixto) trafegando pela Rua da "Graça".

EDDIE CANTOR — Um torcedor de foot-ball, que vem para a rua, enthusiasmado, gritando a victoria do seu club.

DOUGLAS FAIRBANKS, FILHO — Um camarão civilizado que aprendeu a jogar base-ball.

ZASU PITTS — Uma lagartixa de avental, com olhos de peixe morto.

CLARA BOW — Uma cabelleira de palha de milho, em cima de um queijo Palmyra.

JOAN CRAWFORD — Menina medrosa, que voltou do quarto escuro, com os olhos espantados.

EL BRENDEL — Manequim automatico "made no Swede".

EMIL JANNINGS — Um barril de chopp, que a Allemanha offereceu aos Estados Unidos.

JEAN HARLOW — Uma joven que banhou os cabellos com ouro moido.

WALLACE BEERY — Negociante de seccos e molhados, em domingo de passeio.

GRETA GARBO — Um pedaço de marmore, que tomou fórma de Mulher.

JOSÉ MOJICA — Chauffeur hespanhol, que conduziu Mme. Voz, da Opera para o Cinema.

TOM MIX — Um "Mocinho" que está envelhecendo...

HAROLDO LLOYD — Iguaria de Bar norte-americano: "Oculos de **tartaruga**, "estrellados", com batatas typo "**palha... assadas**".

CHARLES FARRELL — Uma palmeira romantica com cara de bêbê.

MARLENE DIETRICH — Uma charada, de jornal allemão, ainda não decifrada.

LEWIS STONE — Papae Noel, sem cavaignac, de jaquetão azul e calça de flanella.

JOCAL

Amarguras da Gloria

HOLLYWOOD dá tudo á juventude, mas tambem lhe faz muito mal. "Envelhece" a gente joven com summa facilidade, o que não é ali das desgraças menores. Na verdade, actores e actrizes conservam o corpo agil e o rosto moço. A mudança não é na apparencia physica, mas no moral. A alma soffre e os pensamentos tornam-se cada vez mais amargos, mais sombrios, mais pessimistas.

Quem os vê chegar á metropole do Film e os reencontra depois, ao cabo de um anno ou dois, não póde deixar de lembrar-se do "O retrato de Dorian Gray", de Oscar Wilde. Dorian, o joven admiravel, nunca parecia velho, mas tudo quanto fazia, dizia ou pensava, se reflectia fielmente num retrato que delle fizera um amigo pintor. Passados alguns annos, fazia horror olhar para o quadro.

Se houvesse retratos de almas em Hollywood, quantas lagrimas, quantas dores, quantas tragedias, quantas desillusões não nos revelariam?

Não os ha, porém, e como actores e actrizes guardam para si as suas magoas e tristezas, ninguem conhece a amarga realidade de certas miserias. Ninguem, excepto talvez alguns poucos amigos, que de vez em quando se admiram e indagam das razões da radical mudança por que passaram Joe ou Mary.

Quando cheguei a Hollywood, conheci Dixie Lee, que, mais tarde, se casou com Bing Crosby. Dixie era nova na terra, eu tambem e assim fizemos camaradagem. Depois, foram augmentando as nossas relações na colonia. Dixie começou a representar papeis importantes e não nos tornamos a ver. Passado, porém, um anno, encontramo-nos numa festa de praia. Estavamos sentados numa varanda e a lua brilhava sobre o mar. O quadro era o mais romantico possivel, mas a nossa conversa não tinha nada de sentimental.

Subito, Dixie exclamou, com um accento de desespero:

Phillips Holmes e Mary Brian em "Private Scandal" da Paramount.

Marlene...

Clark Gable cedeu o papel de Sargento Quirt a Edmund Lowe em "Sangue por Gloria"

Joan!

— Dick, qualquer dia, vou-te fornecer os dados para uma historia, que te encherá de assombro. Será a narração de tudo o que Hollywood me tem feito. Nunca pensei que, no curto espaço de um anno, me pudesse tornar tão ruim, tão empedernida, tão cynica...

E Dixie chorava.

Felizmente, porém, conheceu Bing Crosby e casou com elle. A felicidade matrimonial deve ter attenuado um pouco certas impressões dolorosas de Dixie, mas nada no mundo será capaz de apagar-lhe da memoria a lembrança das suas primeiras desditas, nem Bing Crosby terá meios de lhe restituir a confiança que ella, noutros tempos, depositava nas pessoas.

Mas Dixie não é excepção. Tomemos, por exemplo Joan Crawford. Tantas historias têm corrido, na imprensa e na voz publica, sobre a "nova" Joan, que até já nem interessam.

Na minha opinião, Joan é uma creatura fundamentalmente honesta. Nem tão pouco me parece que tente illudir-se a si propria. E' extremamente "introspectiva" e está sempre a dar balanço aos proprios sentimentos. Acredito-lhe na sinceridade, em todas as differentes "phases" por que tem passado, mas já são tantas, que a propria Joan acabará, talvez, por não saber qual seja a sua verdadeira personalidade....

Joan, porém, não era assim. Naquella febril epoca em que alegrava as festas, com o seu celebre lemma: "Gozemos a vida, porque amanhã podemos ficar sem contracto!" devia ser uma creatura muito mais feliz do que hoje, com todos os exitos que tem alcançado no Cinema.

O mais triste na vida é que nunca se póde voltar pelo mesmo caminho. Joan está nesse caso. Procura, sem descanso, recuperar a felicidade, que já conheceu em Hollywood, e dahi as constantes mudanças no seu caracter, mas tudo em vão.

Os "fans" consideram-na uma grande actriz, cheia de emotividade. Ella arranha um pouco de francez e canta razoavelmente. Veste-se para jantar, mesmo que jante só. Conhece gente importante, que se sente muito feliz em frequentar-lhe a casa. E' uma senhora.

Toda a sua gloria actual não lhe póde proporcionar as alegrias que conheceu naquellas descuidadas noites em que dançava no Coconut Grove, tão estouvadamente que a saia lhe subia, mostrando os lindos calçõesinhos, que mandára fazer.

São tempos que não voltam mais e, mesmo que voltassem, como tudo aquillo lhe pareceria agora futil e desenxavido! No entanto, Joan era feliz, apesar de estar cheia de dividas até aos olhos, e não possuir, como hoje, vestidos riquissimos, casa decorada por Haynes, modas de Magnin, sapatos de Miller e argumentos especialmente escriptos por auctores do seu agrado! Hollywood é assim!

E James Cagney! Os que o conheceram, antes de partir para Hollywood, acham extraordinaria a mudança operada em Jimmy, nestes ultimos tempos. Não que o accusem de "emproado". James não é desses, mas, antigamente, era um typo muito differente. Sempre alegre e bem disposto, com a pilheria facil e irreverente. Em New York, tomando parte em "Women Go On Forever", depois do espectaculo, costumava correr os restaurantes. Vestindo um terno velho e, com os punhos esfiapados, divertia-se á grande, fazendo rir toda a gente a bandeira despregadas.

Hollywood acabou com tudo isso. James já não usa roupas velhas, nem punhos rasgados. Isso, entretanto, seria o menos, mas é que o artista perdeu tambem a sua alegria antiga. Deu para "pensador". Está agora interessado pelo Communismo, pelas artes, pela litteratura classica e por outros assumptos do mesmo genero.

Sem duvida, o desejo de melhorar, de progredir, é muito louvavel. Ninguem se manifesta contra isso. O que irrita é saber que Hollywood não se volta para as coisas da intelligencia sem assumir immediatamente um ar solenne. Falando-se em tom de troça com James, o artista entra logo a dizer piadas, mas já não é o mesmo homem.

Hollywood não affectou Clark Gable tanto, porque o artista já sabia em que meio estava mettido e homem prevenido vale por dois. Certa occasião, Gable disse a um jornalista:

— Se já não tivesse estado aqui, se não houvesse andado mal de vida e não soubesse como Hollywood é cruel para os que vegetam, talvez me deixasse embair por estas palminhas nas costas. Mas já estive cá, já andei na miseria, já vi como Hollywood trata os que estão por baixo. Logo, tenho a obrigação de não alimentar illusões..

No entanto, não se póde dizer que o proprio Gable tambem não tenha mudado, mas tão insidiosa é Hollywood, que o artista é bem capaz de se julgar o mesmo homem de ha tres annos passados, quando fez successo em "Dance, Fools, Dance". Não o é.

(Termina no fim do numero)

Linguas Ferinas

Mae West, chegou a mudar de attitude...

JOAN BLONDELL

EXISTEM, em Hollywood, mais de quatrocentos correspondentes de jornaes, com a sua carteira profissional e a papelada perfeitamente em ordem. Foram especialmente escalados para esse serviço e são mantidos na metropole do Film pelas empresas para as quaes trabalham. Mas, além desses, ha mais os rabiscadores, que não são reconhecidos pelas folhas, mas que se consideram candidatos á effectividade. Estes sommam cerca de mil. Não admira, pois, que, ao apparecer um "astro" em publico, a noticia se espalhe immediatamente por toda a parte. Estampar, porém, simplesmente que Fulano ou Beltrana deram um ar da sua graça não é bastante. E' preciso escrever qualquer coisa de sensacional, qualquer coisa que faça barulho...

Que ha de ser? Um escandalo, por exemplo! Não ha nenhum escandalo á vista? Inventa-se um, e está tudo resolvido.

Discutir em torno da origem dessa praga de Hollywood é o mesmo que pretender saber quem nasceu primeiro, se o ovo ou a gallinha. Se o publico não farejasse escandalos com tanta avidez, nenhum jornal ou revista divulgaria noticias desse genero. Por outro lado, se nenhum jornal ou revista as divulgasse, o publico não as leria nunca, e, por conseguinte, acabaria por perder a mania...

Mas, seja como fôr, o bóde expiatorio, no fim de contas, é o pobre artista, que se vê constantemente attingido na sua reputação pelas calumnias mais torpe e idiotas.

Antigamente, nos primeiros tempos de Hollywood, os departamentos de publicidade favoreciam e até enscenavam escandalos e m torno da vida privada dos artistas. Naquella epoca, não havia grande interesse pelo Cinema e suas celebridades. Os agentes faziam prodigios para chamar a attenção do publico. Planeavam scenas de pugilato, inventavam fugas, simulavam raptos, emfim, nada se poupava para que o nome dos artistas andasse em constante evidencia nas folhas.

Muitas vezes, as manobras dos "publicity-men" surtiam effeito. Lembram-se das estranhas lendas que espalharam a respeito de Theda Bara? E' innegavel que esses processos não deixavam de dar resultado. Os "dollars" choviam nas bilheterias. Mas o diabo é que o feitiço, mais tarde, se virava contra o feiticeiro, trazendo consequencias funestas á industria do Film. O caso Chico Boia e o assassinio de William Desmond Taylor foram golpes terriveis no prestigio do Cinema. O publico tinha lido e ouvido tantas balelas, que Hollywood passou a ser considerada assim como uma especie de Sodoma dos tempos modernos.

Hoje, porém, impera mentalidade muito differente. Os agentes de publicidade não se atrevem a ferir certos assumptos de caracter perigoso e os raros, que, ás vezes, ainda persistem em cultivar os topicos considerados escandalosos, são summariamente riscados a lapis azul.

Todos os contractos dos artistas encerram a chamada "clausula da moralidade". Os mandões dos Studios, de accordo com Will Hays, decretaram que a literatura da propaganda deve primar, antes de mais nada, por uma certa dignidade de forma e de fundo. O dedo da lei está inexoravelmente apontado para o sensacionismo escandaloso e para os escribas que tentam servil-o ao publico.

Infelizmente, porém, os mexeriqueiros em Hollywood pululam aos milhares... Todos os dias circulam os boatos mais absurdos, que os "reporters" logo recolhem, e o mais curioso é que quasi toda a gente os passa adiante, de inteira boa fé. Dahi ser tão facil acreditar-se nos peccados das celebridades.

A maledicencia nasce, geralmente, nos chamados institutos de belleza e mais lugares semelhantes. A dona do estabelecimento, por exemplo, tem interesse em passar por amiga da "estrella" Fulana e conta á sra. Doe que a actriz, cujo marido está fóra, foi á "première" do seu ultimo Film, em companhia do seu magnifico e appollineo galã.

A sra. Doe, que soffre da mania de saber tudo, corre a casa da sra. Roe e dá a grande novidade. O resto é facil de calcular. A noticia vae circulando de bocca em bocca e "augmentando" de gravidade...

Quando chega aos ouvidos duma das primas da tia da cozinheira da sra. Roe, a pobre "estrella" Fulana está já para divorciar-se do "trouxa" do marido, afim de casar-se com um "gigolô" qualquer...

Hollywood é a terra dos falsos esplendores. Toda a gente quer estar em evidencia, seja de que maneira fôr, licita ou illicita. Os fins justificam os meios... Quem inventar, por exemplo, uma historia bem picante, que induza a crer numa grande intimidade com a "estrella" Beltrana ou com o "estrello" Cicrano, recebe medalha de merito da sociedade de Hollywood. Imagine-se, por ahi, as caraminholas que vêm a lume!

Não faz muito tempo, houve um jornal que deu curso a certos boatos com respeito a Constance Bennett. Conversando numa roda, a artista fez o seguinte commentario:

— Só me espanta haver jornaes que dêem guarida a essas miserias. Quanto ao resto... Nesta bemdita terra de linguarudos, o boato é já uma coisa que faz parte dos habitos. Nas mesas de chá do Brown Derby e noutros lugares, onde se reunem para palrar as gralhas de Hollywood, eu e todos os meus collegas mais em evidencia infringimos diariamente os dez mandamentos...

Possivelmente por ser Constance a figura mais "glamorous" da scena de Hollywood, a inveja e a calumnia têm-na perseguido, implacaveis, desde que a artista assignou contracto para o seu primeiro Film. Os rabiscadores de escandalos já inventaram tanta coisa a respeito della, que a hostilidade da actriz com relação aos jornaes é uma coisa bem comprehensivel. Mas que se console Constance, porque não é a unica victima.

Apesar de toda a **anti-scandal campaign,** ha ainda folhas em Hollywood, que publicam coisas assim:

"Sabemos duma joven "estrella", — tão joven que ainda não póde votar, — que em breve encaminhará uma petição aos tribunaes no sentido de lhe ser restituido um irmão menor. Parece que, noutros tempos, sendo muito pobre, a actriz teve que confiar o sustento do pequeno a uns vizinhos, que o adoptaram, mas agora quer tel-o novamente em sua companhia.

Admira que só depois de tantos annos é que se tenha lembrado disso."

Os que leram a noticia perceberam logo que se tratava de Loretta Young. A artista, na verdade, tem um irmão, mas nunca pensou em ir aos tribunaes por causa delle, nem nada se passou como escreveu o autor do "veneno". Simplesmente, o garoto, antes do successo de Loretta. nos Films, affeiçoou-se muito a uma familia da vi-

zinhança e passa grandes temporadas em casa dos seus amigos. Nada mais.

Se o jornal mencionasse o nome de Loretta, a artista poderia mover-lhe processo por diffamação, infelizmente, porém, as leis não nos protegem contra ataques anonymos.

Só muito recentemente se resolveram os artistas a tomar providencias energicas, recorrendo á justiça contra os escribas peçonhentos. Enorme foi o espanto de certos jornalistas, que, pelo visto, imaginavam poder imprimir, com a maior impunidade, tudo o que lhes desse na veneta.

"Que haverá entre George Brent e Ruth Chatterton? Será que George já se aborreceu de Ruth? Ha quem diga que, pelo contrario, Ruth é que quer largar George, para voltar á companhia de Ralph Forbes, com o qual tem sido vista ultimamente."

Este pedacinho de ouro tem origem remota no seguinte: quando o casal de artistas voltou da Europa, Ruth, adoecendo, teve que ficar duas semanas de cama, emquanto George tratava da sua vida cá fóra. Foi o bastante verem-no desacompanhado da esposa, para que os boatos de divorcio começassem immediatamente a circular. Restabelecendo-se, Ruth foi convalescer para o lago Arrowhead, mas teve que partir só, porque, nesse interim, George adoecera tambem! Os boatos, então, redobraram de intensidade.

Hollywood nunca comprehendeu Ruth Chatterton, talvez por serem as attitudes da artista demasiado "civilizadas" para semelhante communidade. Divorciando-se de Ralph Forbes, para casar com George Brent, Ruth fez o possivel e o impossivel por conservar a amizade do ex-marido. E conseguiu-o, tanto assim que George e Ralph são excellentes camaradas. Formam os tres uma **trinca**, para a qual olha Hollywood, espantada, e com uma desconfiança enorme. Emquanto Ralph fôr visto em companhia do casal, os murmuradores não cessarão de contar historias mirabolantes uns aos outros. Sem nenhum resultado, porém, porque tanto Ruth, como George e Ralph não lhes ligam a minima importancia. (Desta vez os linguarudos não se enganaram. George e Ruth, acabaram por se divorciar).

No verão passado, poucos artistas escaparam dos boateiros divorciadores. Os homens acertaram em alguns casos, mas perderam na maioria. Depois que um "reporter" qualquer deu o "furo" sensacional do divorcio Douglas-Mary, tornou-se para todos os jornaes uma questão de honra descobrir pelo menos um divorcio por dia... Ai do desgraçado "reporter" que não desse provas da sua "actividade"! Vinha o classico pontapé, o tragico "olho da rua", depois de tremenda descompostura, passada pelo secretario de redacção.

A "caça ao divorcio" tornou-se, assim, feroz, ameaçando a tranquillidade matrimonial de todos os casaes de Hollywood. Ninguem era immune. Os chefões dos Studios, horrorizados, barafustavam, empregando, para deter a praga, todos os meios ao seu alcance. Não havia entretanto, nenhuma medida capaz de remediar a situação. A coisa chegou a taes extremos que Neil Hamilton foi a ponto de publicar um annuncio nos jornaes, que dizia:

"Neil Hamilton e esposa participam que estão muito bem casados ha onze annos e que, apezar de todos os rumores e noticias que correm, na imprensa e na voz publica, assim pretendem continuar, ainda por muito tempo."

A onda de boatos divorcistas culminou numa serie de processos movidos por Constance e Joan Bennett. (As Bennetts não são para graças...)

LORETTA YOUNG

de HOLLYWOOD

Dois jornaes de New York, um de Hollywood, e até duas sizudas gazetas de Londres, publicaram, sob titulos berrantes que Constance se ia divorciar do marquez de la Falaise para casar com o seu galã Gilbert Roland. A artista ficou furiosa, tanto mais que, pegando numa revista, encontrou um artigo, que a acusava duma porção de coisas: infiel, casada com um "titulo", etc.

Na pagina seguinte, havia outras perfidias a respeito da irmã de Constance, Joan. Predizia-se o divorcio da artista, alludindo-se ao seu antigo romance com John Considine.

Constance appelou para a justiça e Joan fez o mesmo. Ambos os artigos careciam inteiramente de fundamento. Joan estava, na occasião, para dar á luz. Deve ser bem desagradavel para uma mulher, nessas condições, saber que correm nos jornaes, a seu respeito, boatos de divorcio proximo.

O nascimento de bebés raramente interessa á chronica escandalosa de Hollywood, mas, em compensação, dá tambem margem a rumores. Arline Judge, por exemplo, fez muito bem em ter um filho, pois certo editor, já ha muitos mezes que lhe annunciara a chegada na sua folha...

Recentemente, um jornal estampou que Joan Blondell estava para ser mãe. A artista deu-se pressa em desmentir a noticia, enviando o seguinte telegramma ao redactor-chefe:

Constance Bennett é uma das maiores victimas das linguas ferinas de Hollywood

"Que susto! Tenha vergonha! Uma vez, quando eu ainda não havia casado, o senhor publicou ahi no seu jornal que George me dera um lindo annel. George não me dera coisa nenhuma, mas comprou a joia quatro horas depois. Desta vez, porém, verifiquei, com todo o cuidado, que o senhor se enganou redondamente. Tenha vergonha!"

Outro jornal, que tambem "se engana", com frequencia, estampou que apostava dez mil "dollars" contra cinco mil em como Jeannette Mac Donald se casara com Robert Ritchie.

Jeannette, sabendo da coisa em Paris, telegraphou immediatamente, acceitando a aposta e offerecendo mais cinco mil "dollars". O jornal calou-se.

Um dos golpes predilectos dos "reporters" á cata de noticias sensacionaes é "casar" as celebridades do Cinema. Não faz muito tempo, certo jornal alcançou tiragens extraordinarias, annunciando que Mae West havia

(Termina no fim do numero).

NAS montanhas de Chihuahua ainda persiste o phantasma de Pancho Villa acompanhado dos seus guerreiros, na sua louca cavalgada atravéz as "serras" lutando pela liberdade dos "peones" e do Mexico opprimido!

O ardor revolucionario de Pancho Villa começa quando elle é ainda creança. E manifesta-se no dia em que assiste a morte de seu pae, barbaramente chicoteado pelas autoridades.

Villa não póde conter a revolta immensa que explode em seu intimo, contra tal tyrannia. Elle assassina um official e, perseguido, refugia-se nas montanhas.

Annos mais tarde faz a sua primeira famosa apparição. Desce das montanhas um homem já feito, chefe de um temivel bando de guerreiros — gente de humilissima origem e como elle proprio, peões revoltados e fugitivos.

Pancho Villa promette liberdade aos opprimidos, riqueza aos pobres e assim, cahe na popularidade e no agrado das classes inferiores.

Começa ahi a grande investida do famoso caudilho ás cidades e ás ricas "haciendas" do paiz.

Villa torna-se um synonymo de terror para os nobres hespanhóes. Os seus assaltos são sempre victoriosos e significam pilhagem e morte para a classe nobre.

Nada detem a onda invasora de Villa!

E' num d o sseus assaltos que o chefe insurrecto tem a occasião de capturar Johnny Sykes, um jornalista norte-americano, que elle mantem prisioneiro.

Uma especie de amizade forma-se entre o chefe mexicano e o americano.

Villa concede ao prisioneiro, a liberdade de continuar a enviar noticias da rebellião mexicana, para o seu jornal.

Villa é convocado á "hacienda" de Don Felipe del Castillo, um joven nobre que ahi vive com sua irmã, a formosa Teresa.

Fay Wray surge neste papel que era de Mona Maris... E o sotaque espanholado com que fala, mais augmenta ainda o "charme" heraldico de sua figura...

— — —

Don Felipe e Teresa são nobres mas pertencem ao grupo daquelles que querem libertar sua patria de um jugo odioso.

Na rica "hacienda" del Castillo" acham-se reunidos os conspiradores sob a chefia de Francisco Madero—uma extranha figura de homem, um nobre alcunhado de "o louco Christo".

Os conspiradores consideram-no o salvador do Mexico e depositam nelle todas suas esperanças.

Madero convoca Villa pois considera-o um precioso elemento para o movimento que planeja.

Deante de Madero, o brutal e feroz Villa é quasi uma creança. Elle aceita todos os seus conselhos com humildade.

Assim Villa organisa um poderoso exercito não só composto de foragidos e peões, mas de soldados disciplinados.

E com este exercito, declara guerra ao dominador: Diaz!

Inicia-se ahi uma violenta campanha, de uma crueldade indescriptivel. Sangue e destruição por toda a parte.

Madero censura Villa e ordena-lhe moderação. O grande guerreiro não quer porém, ouvil-o.

Elle é um vencedor e guiará o seu exercito da maneira que lhe aprouver! Não receberá ordens de ninguem, muito menos de Madero e do general Pascal!

Elle continuará sózinho, com seu feroz exercito de "peões", sem outra lei a não ser aquella do seu instincto: todos os homens são eguaes e os aristocratas devem ser mortos!

Madero deixa-o partir. Mas logo apóz Villa volta, humilde e envergonhado, resmungando desculpas e pedindo conselhos ao conspirador...

Nada mais do que uma creança grande, ingenua e desconfiada.

A campanha precipita-se. Desobedecendo mais uma vez ao general Pascal, Villa ataca a fortaleza de St. Russalle. Isto precipita a victoria.

Diaz abdica e Pancho Villa proclama Madero o presidente do Mexico.

Mas agora a situação é outra. Villa com suas maneiras selvagens sua brutalidade e sua ignorancia, não é necessario no governo. Madero lhe aconselha — desfazer o seu exercito e voltar para sua aldeia. Pascal ficará no seu logar como chefe militar. Villa obedece as palavras de Madero.

E emquanto este parte para o palacio afim de assumir seus deveres como presidente — Pancho Villa volta para sua aldeia e passa a viver uma existencia de inactividade.

Mas no fundo, o grande guerreiro sempre desconfiava de Pascal. Este sabe que tem em Villa, mais um inimigo do que amigo. Assim procura envolver o chefe, num crime.

Pascal sabe que Villa é ignorante, não sendo capaz de ler nem de escrever. Chavito, um homem do bando, é quem escrevia as cartas de Villa quando o chefe se correspondia com alguem ou com alguma de suas muitas esposas...

Assim, comprando Chavito, Pascal consegue envolver Pancho Villa num assalto de banco e num grande crime.

Pascal triumpha! Elle consegue, ainda, uma ordem para Villa ser fuzilado.

VIVA VILLA — FILM DA M. G. M.

DISTRIBUIÇÃO:

Villa ....WALLACE BEERY
Teresa ....FAY WRAY
Don Felipe ....DONALD COOK
Rosita ....KATHARINE DE MILLE
Sierra ....LEO CARRILLO
Pascal ....JOSEPH SCHILDKRANT
Johnny ....STUART ERWIN
Chavito ....GEORGE STONE
Madero ....HENRY B. WALTHALL.

Direcção: — JACK CONWAY

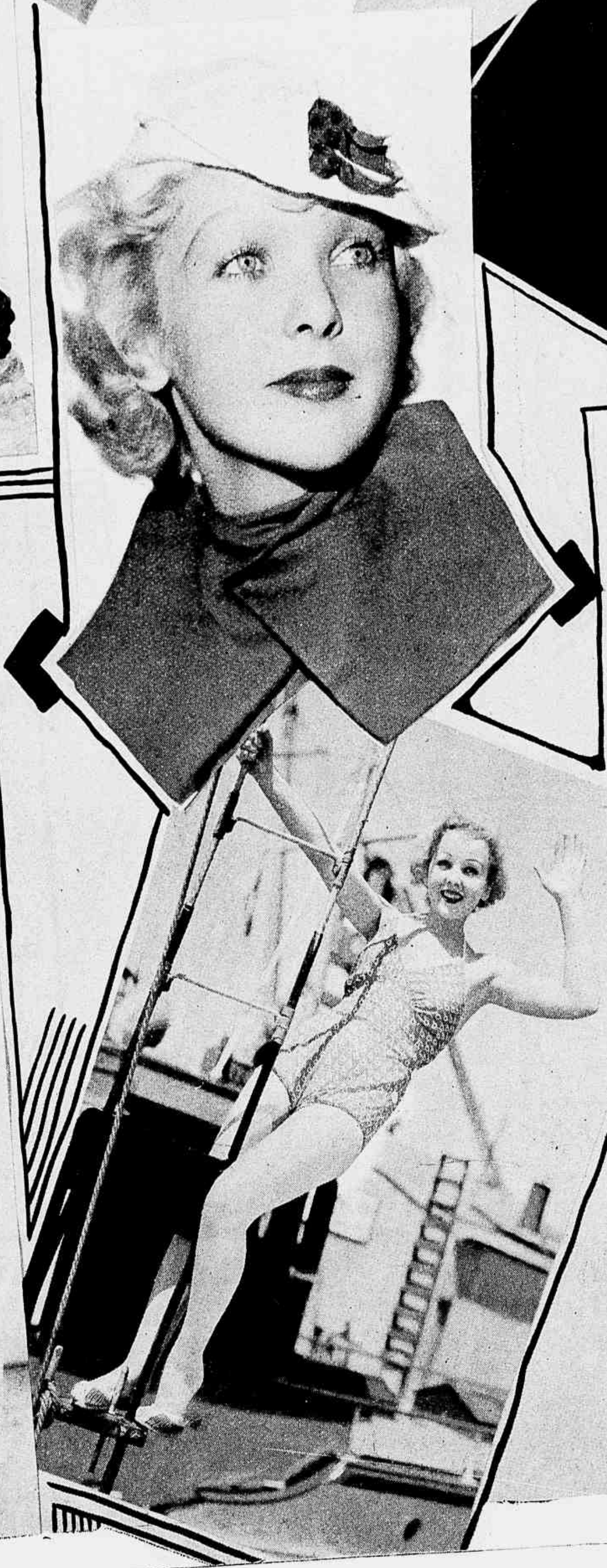
Suzanne Kaaren

Photos da Fox

ALICE
FAYE

Uma estrellinha que começa a brilhar...

IDA LUPINO

Photo da Paramount

Traje em marron e branco

D A

LUPINO

Photo

da

Paramount

A direita, um detalhe de sua casa.

BRIGITTE HELM, como apparecerá em "Delirio do Ouro", da Ufa.

E o guerreiro mexicano só não é victima desta odiosá conspiração por intermedio de Felipe, Teresa e o presidente Madero.

Mas não podem livral-o do exilio.

———

Encontrando o jornalista Johnny em El Paso, Pancho Villa vem a saber que Madero foi assassinado por Pascal e a liberdade dos peões está de novo ameaçada!

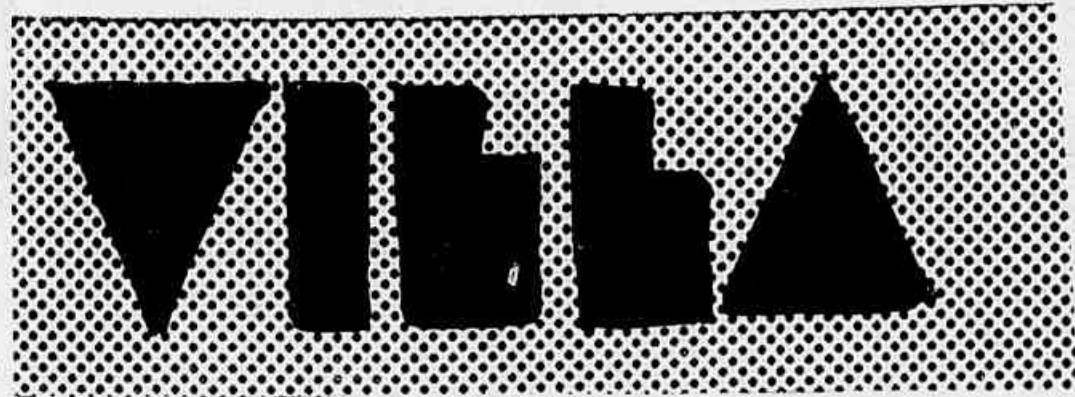
Esta noticia enche de furor o exilado! Elle volta ao Mexico e encontra os "peões" revoltados, clamando por vingança.

E assim estoura a segunda revolução dos peões, chefiada novamente pelo invicto Villa.

Mas desta vez não é uma campanha movida por um grande ideal! Desta vez não mais existe o bondoso e sensato Madero para pôr freios á sede de vingança e ao odio desencadeado dos revoltosos!

E desta vez ainda, não ha o apoio precioso do aristocrata Don Felipe e sua irmã!

A nova campanha chefiada por Villa é uma offensiva sangrenta e vingativa.

Ao saber que Teresa e Don Felipe recusam-se a apoial-o, Villa dirige-se furioso á "hacienda" del Castillo.

Ahi, os dous aristocratas recebem-no com altivez e dignidade. A raiva do guerreiro não diminue, porém deante dos seus antigos amigos.

Elle discute com Don Felipe, e alveja os dois irmãos. Felipe fica ferido mas a linda Teresa é morta...

———

A guerra prosegue, cruel e avassaladora. Uma a uma, as cidades vão captulando e os peões aclamam: "Viva Villa!"

Mexico City é por fim conquistada. O massacre é terrivel.

Os nobres são tratados sem a menor piedade. Quanto á Pascal, é condemnado a uma horrivel morte.

Villa é proclamado presidente. Elle dá por finda a campanha, tendo vingado Madero e feito o Mexico occupar um logar entre as nações.

Mas cedo é forçado á abandonar o seu logar. Sua implicidade, sua ignorancia, seus modos brutaes e quasi ingenuos as vezes, tornam-no ridiculo. Assim Pancho Villa tendo reerguido de novo o seu paiz, volta para uma vida humilde e anonyma no seu velho rancho.

———

A existencia de Villa, é simples mas não calma.

Elle ahi encontra Rosita, sua primeira esposa.

Rosita é uma linda mexicana de olhos enormes e um genio... que ao seu lado, a "Mulher Domada" de Sheakespeare pareceria nada mais do que uma creança manhosa...

E a vida de Pancho Villa desenrola-se agora entre batalhas... conjugaes!

Rosita traz o marido numa severa vigilancia. Cada escapada, cada nova conquista do voluvel Villa, representa uma explosão de Rosita e uma semana de "prisão" para Pancho!...

Numa de suas escapadas, Villa vem á cidade mais proxima e ahi tem a surpresa de encontrar Johnny o jornalista americano.

Elles conversam alegremente em plena rua e Villa relembra, ruidosamente, os tempos de guerra em que elle não temia a temperamental Rosita mas enfrentava perigos muito maiores!

Mas de um edificio fronteiro alguem observa os dois amigos.

E' Don Felipe, o irmão de Teresa. Sua apparencia é extranha. Tem a physionomia abatida e febril. Traz na mão uma pistola e visando Pancho Villa, elle descarrega a arma. Depois cahe. Que lhe importa o resto? Teresa fôra vingada e só para isto elle vivera até então.

Ferido, Villa é conduzido para uma venda. Johnny tenta pensar-lhe o ferimento.

E' em vão. Murmurando agradecimentos, Pancho Villa expira.

Mas a lenda diz que sua sombra ainda cavalga por entre os montes Chihuahuas, talvez como um symbolo da libertação mexicana...

Garbo em acção! Greta Garbo Filma actualmente "Painted Veil" com Herbert Mashall, sob a direcção de Richard Boleslavsky.

———

Nancy Carroll foi contractada pela Columbia.

———

A Fox está enthusiasmada com a francezinha Anna Sella, que trouxe á Hollywood, para versões francezas. E declara que se Mademoselle Annabella aprender "vite" o inglez poderá fazer della uma estrella!

———

"Caravam" tem um "cast" notavel: Charles Boyer, Loretta Young, Jean Parker, Phillips Holmes — e Luiza Fazenda. Erik Charrell dirige para a Fox.

(PHOTO DE OTTO DYAR).

Suzanne Karen.

A Fox, por emquanto, apresentou-a numa pontinha em "Loucuras de Hollywood". Foi aquella secretária de Harry Green no Film. Apparecendo aos poucos, para não motivar suicidios...

Como appareceu em "Loucuras de Hollywood"... Ella era uma dellas...

Distribuindo charutos no Studio. Os "cameramen" tiveram direito a mais de dois...

Cary Grant e Silvia Sidney em "Thirty Days Princess" da Paramount

Cary

(De Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood)

DOIS annos se passaram desde o meu primeiro encontro com Cary Grant e durante esse longo periodo, elle, cada vez, subiu mais na escada da Gloria. Sinto-me contente com isso, pois, tendo-o visto, no seu primeiro trabalho, onde teve apenas um papel curto, fazendo o marido de Thelma Todd, prophetizei que elle seria um nome popular, dentro de poucos mezes.

As minhas palavras confirmaram-se. Hoje, o nome de Cary Grant é falado por milhares de **fans;** a sua fama corre mundo, o seu prestigio augmenta de dia para a dia e, certa vez, pensei — "será que o successo lhe subiu á cabeça?"

Será que Cary Grant mudou e já não é o mesmo rapaz amavel e sympathico, uma creatura cheia de gentilezas e amigo de todos dentro do Studio? Galã de "estrellas" famosas, elle, na Paramount, tem apparecido ao lado das maiores figuras do elenco e isso é encarado como o passo mais importante para o ambicionado papel de astro.

Uma serie de perguntas borbulhavam em minha cabeça, naquella manhã, quando fui ao Studio e me preparava para falar, novamente, com Cary Grant, que havia voltado da Inglaterra e iniciara, logo, um novo Film ao lado de Sylvia Sidney. Tenho a declarar que desde o meu primeiro contacto com Cary, voltei a falar com elle varias vezes, não só no Studio, como tambem em theatros, festas e em bailes. Delle tive, na verdade, sempre a mais gentil das attenções. Nunca o vi procurando esquivar-se a dois minutos de conversa. Nunca o vi passar com pressa e, assim, procurar evitar um cumprimento. Não — Cary tem sido para commigo sempre um camarada!

A sua viagem a Londres tomara delle mais de seis mezes — parte dos quaes, passou num hospital, operando-se. Depois, convalescente, elle ainda demorou na sua terra. Logo a seguir, horas antes de voltar a New York, casava com a linda Virginia Cherrill. Na sua volta, não teve tempo sequer para matar saudades de New York. Deixou o navio e tomou o trem. Chegou a Hollywood e começou, logo, mais outro Film!

E, curioso, eu que o conheço bem, vejo nessa carreira veloz através o oceano e pelo continente, um pouco da sua propria personalidade.

Cary é um rapaz buliçoso. Nunca o vi parado. Recebe os amigos com apertos de mão bem fortes e demonstrações de alegria. Quando estes passam de longe, elle grita o seu Allô com toda a força dos pulmões. Dentro do Studio, é apreciado por todos, desde o carpinteiro que trabalha em seus **sets** ao director de mais renome ou o **executive** de mais importancia. Estava eu, novamente com Cary. Voltou mais gordo, e, ao que parece, mais cheio de alegria e contentamento maior. Sente-se feliz com o seu enlace e elle o proclama, falando de Virginia com palavras tão cheias de enthusiasmo que ninguem póde enganar-se e não acreditál-o mesmo apaixonado!

Sempre elegante, — uma qualidade sua, Cary tomava parte numa scena com Sylvia Sidney.

Graças tambem a elle, pude ficar naquelle **set** durante tantas horas, vendo-o trabalhar e, ao mesmo tempo, poder ver de perto Sylvia Sidney. Os Films desta "estrella" obedecem a regras que se não transgridem facilmente; e estas são a prohibição de estranhos á montagem.

Ninguem vê Sylvia Sidney trabalhar. Não que isso seja um capricho della, mas apenas um modo de ver do seu productor, Schulberg e do seu director habitual, Marion Gering.

Pois, Cary me franqueou as portas daquelle elegante "cabaret". Sim, a scena se passava dentro de um **night club** elegantissimo. Fez mais, levou-me a Marion Gering e fez as apresentações, no seu estylo. Eu — que já passei da idade em que a gente fica ruborisado, acho que fiquei corado ao ouvir os elogios que Cary fez a mim e a CINEARTE, em presença de Gering. Naturalmente, que a bondade e a amizade de Cary augmentavam o valor do meu trabalho, assim como tambem as minhas qualidades pessoaes de amigo e camarada.

Gering é russo. Sempre tinha ouvido falar nelle, mas nunca o tinha visto em pessoa e o julgava, não sei porque, um sujeito, velho, talvez careca e de mau humor. Tinha-o, porém, na conta de um dos bons directores, pois as obras que elle tem feito, dirigindo a sua "estrella" preferida, Miss Sidney, são prova do seu talento e habilidade.

Desillusão! Marion Gering é ainda bem moço. Não é calvo e, pelo contrario, é gentil... As medidas que toma contra os visitantes são mais por methodo de trabalho. Não fazem parte de um capricho especial ou fórma de publicidade, para attrahir a attenção sobre uma determinada personalidade. Gering, vendo-me em companhia do galã do seu Film, dá-me a chave do **set** e pede-me que fique afim de assistir a proxima scena.

Esta é uma das mais graciosas que já vi. Sylvia nessa producção — **Thirty Days Princess** — assume o papel de uma princeza em visita aos Estados Unidos e Cary Grant, um jornalista que acaba apaixonando-se por ella, julgando-a mesmo uma mulher nobre e de sangue azul.

Num "cabaret" elles ceiam. Conversam e o dialogo neste ponto é um dos mais agradaveis que já ouvi, e ao qual, tanto Cary como Sylvia, dão um sabor todo especial. Estavam deante de mim dois artistas de valor, que conheciam como dizer suas linhas, com a necessaria inflexão, com ardor e, no caso de Miss Sidney, com um **coquetismo** delicioso!

Repetem varias vezes — apezar da perfeição que aos visitantes uma scena sempre parece offerecer, mas que aos olhos do director, sedento do mais perfeito, ainda é falha...

Cary vem, então, para um canto da montagem e palestramos. Imaginem que o grande palco, onde a scena era tomada, estava dividido em dois, e de modo curioso. De um lado, levantava-se a montagem do tal "cabaret", com seu luxo moderno, frivolo, onde ás mesas se viam garotas de vestidos de baile e cavalheiros de casaca — e, do lado onde estavamos, o fausto de uma cathedral da Russia de Catherina.

Era um trecho das montagens de Scarlet Empress que, por esse tempo, ainda Marlene estava Filmando. Imagens de santos, versiculos de livros sagrados, pinturas de colorido berrante. Decorações e estatuas disformes — um ambiente religioso, pesado e, ao mesmo tempo, cheio de mysterio. Ali, naquelle templo ortodoxo, Marlene havia vivido, dias antes, algumas das scenas mais artisticas do seu novo Film.

E — dois tempos distinctos, duas epocas diversas — fechadas dentro de um mesmo recinto pelo poder do Cinema. Eu, com o meu terno e Cary dentro do seu **smoking** londrino pareciamos duas almas perdidas, que tivessemos voltado, a passeio aos dias de Catharina...

Talvez por isso os bispos de longas barbas e os Metropolitanos severos nos olhavam com mais rancor... Que intrusão naquelle recinto por dois cavalheiros com roupas exoticas...!

Mas, Cary atira um pouco da cinza do seu cigarro para cima do busto de um padre russo de barbas de cimento armado e eu, jogando o meu phosphoro apagado, acerto mesmo em cheio na cara veneranda de um metropolitano!

"Falar do meu casamento? Nada mais simples. Amo Virginia ha muitos mezes, desde que nos conhecemos aqui em Hollywood. Combinamos o casamento e eu desejei que a minha familia a elle assistisse. Haviamos planejado uma boda cheia de festas... Mas a minha perna, que machuquei ha annos, quando andava numa **troupe** de variedades, em New York, requeria uma ligeira

operação. Não era nada de grave — mas mais cedo ou mais tarde, deveria fazel-a, assim aproveitei e matei "tres coelhos" ao mesmo tempo... Revi a Patria, fui para o hospital e casei-me!

Aqui noticiaram que o meu casamento parecia mais um final de Film antigo, apressado, etc. Nada disso. Tivemos que correr ao juiz, antes de tomarmos o navio por eu ter ficado mais tempo do que devia no hospital e, tambem por que deveriamos esperar certos papeis de Virginia que foram enviados de Chicago. Ella é divorciada, dahi termos tido que esperar por certos documentos importantes. Assim, houve atrazo por varios motivos e não desejo de effectuar um casamento apressado e novellesco...

"Mas, o caso é que tudo isso pareceu casar-se ao meu modo levado e brincalhão — mas, devo dizer-lhe que casamento é coisa seria para a gente levar assim na brincadeira.

"Não pude acceitar papeis em Films inglezes nem tambem apparecer nos palcos, pois o meu contracto com o Studio me prohibia. Tive, porém, offertas de Studios inglezes. Lá estão trabalhando com afinco, com verdadeiro enthusiasmo e, hoje em dia, os meus patricios se podem orgulhar do seu Cinema. Se não

Cary Grant e Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood

Grant não mudou!

fizerem mais nada de valor, basta **Os amores de Henrique VIII.** Virginia tomou parte num Film, que não chegamos a ver, depois de ter ficado prompto. Lá revi varias amizades, entre ellas a de Lily Damita.

Ella é a mesma Lily. Alegre, saltitante e que não dá muita importancia a contractos, carreira, Films, etc. E' absolutamente independente e por isso acho que os productores tem certo medo della... Lily não receia dizer o que sente!

Lily ia fazer um Film com Jack Buchanan — **Son of Guns,** papel que representou no palco, creio que em New York, ha tempos."

A uma pergunta minha sobre a artista preferida sua, sobre suas companheiras em Films, elle responde: "Todas admiraveis! Todas lindas! As mulheres sempre despertam enthusiasmo pela sua belleza ou pelo seu talento... mas, aqui em segredo, de todas as artistas, a minha favorita é a... que nunca appare-

(Termina no fim do numero)

Cary Grante casou-se no dia 9 de Fevereiro, na Inglaterra, com Virginia Cherrill, a pequena de Carlito em "Luzes da Cidade"

Gatas

TODA a gente sabe que a historia da Gata Borralheira é quasi tão velha como andar a pé. Criou, ha muito, cabellos brancos, e já nas idades mais recuadas se transformara num Papae Noel barbudo e gigantesco, um Papae Noel que, naquelle tempo, como no actual, despertava vagos sonhos de grandeza nos cerebros das mocinhas estouvadas, levantava-lhes castellos na areia, fazia-as subir a imaginarias alturas de fama e gloria, e tudo lhes pintava côr de rosa, mas, nos sapatos, só desillusões lhes deixava, só lagrimas, dissabores, tristezas e um bilhete directo para o Esquecimento.

Cada éra tem tido a sua Gata Borralheira, cada década a sua dama da fortuna, mas nunca houve tantas como nos tempos que correm. Hollywood pegou na lenda da Gata Borralheira e fez della uma burla. Noutras épocas, as Gatas Borralheiras appareciam aos pares, com longos intervallos. Hoje são aos cachos, como bananas.

A historia fala numa Joanna d'Arc, a ouvir vozes, que, da noite para o dia, a conduziram á gloria e á immortalidade; duma Anna Bolena, que, duma modesta situação no palacio de Henrique VIII se elevou a primeira dama do reino; duma Nell Gwynne, que vendia maçãs, á porta dos theatros, na velha Londres, e que, mais tarde, se tornou não só a mais celebre actriz da metropole do nevoeiro, como ainda a amante do rei; duma Florence Nightingale, que seguiu para a guerra da Criméia, como humilde enfermeira e de lá voltou como uma grande heroina de fama internacional; duma Josephine Bonaparte, viuva dum modesto capitão, que veiu a ser imperatriz de França e dona do coração de Napoleão: duma Madame Sans-Gene, que, de lavadeira, subiu a uma das mais altas posições na côrte de França.

Todas ellas são Gatas Borralheiras de outrora, e, pelo menos, os seus nomes chegaram até nós, desafiando a lenta passagem dos annos. A lenda sublimou essas mulheres, envolvendo-as num halo de esplendor, de mysterio e, ás vezes, até de grandeza moral. Mas que dizer, com respeito á interminavel lista de Gatas Borralheiras que Hollywood tem criado? Que significarão seus nomes amanhã? Que recordações trará, por exemplo, o nome de Betty Bronson? Quem se lembrará de Edwina Booth? E de Carmen Barnes? E de Georgia Hale? Gatas Borralheiras, que a fada Hollywood transformou em celebridades do Celluloide, durante algumas horas fugazes de gloria.

Nenhuma cidade do mundo tem feito tantas celebridades como Hollywood. Nomes completamente desconhecidos, duma hora para a outra, tornaram-se palavras corriqueiras, espalhando-se por toda a parte do mundo com a milagrosa rapidez do relampago. Meninas sahidas do collegio viram-se, de repente, rodeadas duma fama, que faria ficar verdes de inveja Cleópatra e Helena de Troya. Caixeirinhas de lojas populares, bafejadas pela sorte, passeiam, triumphantes, em Rolls-Royces, pelo Hollywood Boulevard — enquanto beldades de cortiço reinam como rainhas nos palacios de Hollywood, empoleiradas em thronos de ouro, que as rivaes, enciumadas, rodeiam, aos gritos. Mocinhas, que ninguem sabe de onde vêm, surgem, de improviso, empurradas pelo trombetear incessante da publicidade, e, em poucos mezes, estão a falar para os milhões de "fans" que enchem os trinta mil Cinemas do mundo: os rostos dellas ficam conhecidos de vastas multidões, nas metropoles e nas villas; as vozes tornam-se familiares a uma immensidade de gente, que ellas nunca chegarão a ver, nem nesta vida nem na outra.

Parece existir em Hollywood uma gigantesca machina, que despeja glorias, como salsichas, sem rythmo e sem logica. Um nome é repetido mil vezes num phonographo. A chapa gira interminavelmente, a agulha estraga-se, e, por fim, já não se ouve bem o nome, que acaba por se tornar um ruido incomprehensivel...

E em nenhuma outra parte do mundo, encontra a Gata Borralheira um publico tão acolhedor como na America. Ninguem ama como os americanos a velha tradição da menina que perdeu o sapatinho de setim. Cada nova Gata Borralheira que apparece, que se encarrapita nos pinaculos da gloria, é mais uma prova de que a America continúa a ser a terra das opportunidades.

O exito duma Gata Borralheira é um incentivo para as outras Gatas em embryão: ellas sonham e esperam, ansiosas, a fada que lhes transformará um Ford num Lincoln, a cama de ferro num luxuoso *boudoir*, o sobretudo do inverno passado num casaco de pelles caras. Grande parte das peças de mais exito na historia do theatro americano são baseadas no thema da Gata Borralheira. Os productores de Films: sempre que tenham duvida sobre o successo financeiro do programma annual, costumam lançar mão da Gata Borralheira, como mais seguro e efficaz meio de protecção, contra possiveis prejuizos. "Peg O' My Heart", "Merely Mary Ann", de Zangwill, a eterna "Tess of the Storm Country, a popular "Little Orphan Annie", "Come Out of the Kitchen", "Daddy Long Legs", a musical "Irene", a melodiosa "Sally", todas essas obras e mais outras do mesmo genero deram milhões de dollares aos seus autores e empresarios. De vez em quando, sobem á scena em "reprise", não só na Broadway, mas em todo o paiz. Algumas dellas já foram Filmadas e refilmadas, em differentes occasiões, e, sem duvida alguma, ainda o tornarão a ser, com muitas modificações, mas conservando sempre a mesma idéa essencial: a heroina será invariavelmente uma mocinha pobre, que, casando com um millionario, ou por qualquer outro miraculoso acontecimento, se torna rica, da noite para o dia. Haja o que houver, terminara sempre nos braços do Principe Encantado, o qual a fará eternamente feliz...

O mesmo deveria succeder com as Gatas Borralheiras de Hollywood: uma subita popularidade, dinheiro no banco, um Principe Encantado e uma felicidade perpetua. Mas aqui a historia é um pouco differente. O final nunca é igual ao dos contos de fadas. Na vida real, mesmo para os bem-nascidos, a felicidade é um bem quasi inattingivel.

Os agentes de publicidade de Hollywood são mestres na arte de escrever historias da Gata Borralheira. Inventam para as suas protegidas palacios, glorias, amor, uma dita constante. E' bem facil lançar tudo isso no papel... Os "publicity-men" escrevem com penas de ouro, mas a tinta evapora-se. Abusam dos adjectivos, e, no fim, as proprias palavras se revoltam. Elles escrevem e esquecem e nisso está a sua unica sinceridade.

Repassemos as revistas de Cinema de poucos annos atrás. As secções de rotogravura estão cheias de lindos rostos, risonhos e felizes. Tudo "descobertas"! Futuras estrellas! Nenhuma predição de fracasso. Gatas Borralheiras! Algumas tinham ganho concursos de belleza. Outras haviam sido descobertas entre coristas de New York. Outras ainda eram "extras", subitamente guiadas a figuras de primeiro plano.

Mary Philbin! Gertrude Olmsted! Allene Ray! Alberta Vaughn! Sue Carol! Merna Kennedy! Dorothy Gulliver! Audrey Ferris! Edwina Booth! Nina Quartero! Molly O'Day! Olive Borden! Lina Basquette! Nancy Drexel!

Ha tres annos passados, eram nomes, que andavam na bocca de toda a gente. Jornaes e revistas falavam delles. Talvez o proprio leitor tenha escripto a alguma dessas pequenas a pedir-lhes o retrato e o autographo, talvez, amavelmente, lhes tenha invejado a sorte. E hoje, que é feito dellas? Onde estão as vozes, que as endeusavam, e os écos que, da sua fama, corriam mundo? Tudo morreu! Foi como o tragico desmoronar dum sonho.

Nena Quartaro, agora trabalha com Hal Roach.

Mary Philbin e Don Alvarado em "A dansa da vida", de Griffith. Mary chegou a ser a maior estrella da Universal.

Betty Bronson. Lembram-se da Madonna de "Ben Hur"?

Como o aroma dum perfume raro, que se evola e se perde no espaço, sem deixar nenhum resquicio da sua fragrancia.

A belleza é a coisa mais barata que existe em Hollywood. E' artigo desvalorizado, no mercado da Cinelandia. Não obstante, apesar da superabundancia, os productores ainda appellam para os concursos de belleza, que se realizam no paiz, promettendo ás vencedoras uma carreira, um salario de cincoenta dollars por semana e as trombetas da publicidade. Se fossem honestos, deveriam prometter tambem uma grande desillusão final, que é o que geralmente succede ás beldades premiadas. A's vezes, chega-se até a pensar que metade da população de Hollywood é constituida por vencedoras de concursos de belleza. Pobres Gatas Borralheiras, que vêm de Caixa-Prego, com a sua faixa "Miss Algures", "Miss Qualquer Coisa"!

Pelo menos metade das Gatas Borralheiras de Hollywood chegaram ao Cinema por esse intermedio. Lois Wilson, Mary Philbin, Clara Bow, Eleanor Boardman, Virginia Brown Faire, Corliss Palmer, Fay Lamphier, Gertrude Olmsted, Thelma Todd, Josephine Dunne, Lupitta Tovar, Dorothy Gulliver, Ethlyn Claire, Mary Astor, e mais recentemente, Kathleen Burke, Lona Andre, Gail Patrick e Verna Hillie, são apenas algumas das figuras que tiveram passagem paga até Hollywood pelos apadrinhadores dos concursos de belleza.

A Universal e a Paramount sempre tiveram as vistas voltadas para essa especie de competições, contractando as vencedoras por longo prazo. A Universal tentou a sorte com Mary Philbin, Lois Wilson, Dorothy Gulliver, Ethlyn Claire, Fay Wray, Virginia Brown Faire e Gertrude Olmsted. A Paramount jogou com o futuro de Clara Bow, Mary Astor, Thelma Todd, Josephine Dunne, Fay Lamphier, Kathleen Burke, Lona Andre, Gail Patrick e Verna Hillie.

BORRALHEIRAS

Lois Wilson, Mary Philbin, Dorothy Gulliver e Gerttrude Olmsted, ganharam concursos, patrocinados por jornaes de Chicago. Conduzidas para a Universal City, começaram a sua carreira trabalhando nos "westerners" em dois actos. Lois e Mary subiram logo: Lois tornou-se excellente "leading lady", passando para a Paramount, onde se conservou por alguns annos, e voltando, mais recentemente, á Universal, com um salario que augmentou de mil por cento. Mary chegou a ser a estrella mais proeminente do "lot". Permaneceu na Universal por espaço de oito annos, mas, com o advento do Film falado, desceu a sua cotação, e Mary recolheu-se graciosamente á vida privada, contente em ceder o lugar a outras Gatas Borralheiras. Ella foi das poucas a quem a sorte não desprotegeu. Alcançou fama, dinheiro, luxo, independencia. Ainda assim, porém, a sua historia não tem a perfeição dos contos de fadas. O Principe Encantado passou de largo...

Miss Gulliver, levada para Hollywood, figurou como "leading lady" de George Lewis na popular serie de Films collegiaes. Mais tarde, collocada nas producções de cinco actos, não foi lá das pernas... Sahiu da Universal e trabalhou em pequenos Films, mas a sua estrella apagou-se. O nome já não figura nos "casts". Outra que mergulhou na obscuridade...

Gertrude Olmsted subiu dos Films do oeste para obras mais importantes. Quando expirou o contracto com a Universal, passou para a Metro-Goldwyn. Subito, porém, casou com o director Robert Leonard e trocou o Cinema pela vida domestica. Passeia agora por Hollywood numa luxuosa limousine, cujo "chauffeur" veste libré. Uma Gata Borralheira legitima! Em compensação, ha outras mil que não têm nem dinheiro para o omnibus. Seria cruel citar nomes.

Gertrude Olmstead

Georgia Hale

Ethlyn Claire casou com um conhecido "caracterizador" de Hollywood e quanto a Virginia Brown Claire, ninguem sabe que fim levou. Virginia venceu um concurso promovido por uma revista de Cinema e fez um dos principaes papeis na encantadora obra de Kipling "Without Benefit of Clergy". Lembram-se de "Felicidade Ephemera" da Pathé?

Clara Bow, Corliss Palmer, Allene Ray e Mary Astor tambem venceram concursos promovidos por varias revistas.

O retumbante successo de Clara como a "garota do "it" pertence á historia do Cinema. Sob a gerencia de B. P. Schulberg, Clarinha tornou-se, rapidamente, uma das mais populares estrellas de Cinema do mundo. Com o dinheiro que tem, poderá viver rodeada do maior luxo até ao fim dos seus dias. Subindo vertiginosamente, Clara realizou todos os sonhos da Gata Borralheira do conto; teve gloria, amor e felicidade ás mancheias. Na verdade, praticou certas leviandades, que lhe deram alguns desgostos, mas o publico permaneceu leal. Os calumniadores profissionaes fizeram de Clara alvo constante das suas perfidias. Todos os tiros sahiram, porém, pela culatra, porque Clara acabou sendo considerada pelo publico assim como uma especie de martyr de Hollywood. Os jornaes arrastaram-lhe o nome pelas ruas da Amargura, mas os "fans", ao invés de se indignarem contra a actriz, tiveram pena della e offereceram-lhe a sua solidariedade. Outras Gatas Borralheiras foram tambem crucificadas pelos fazedores de escandalos, mas já esquecidas do publico, pereceram no meio da indifferença geral. Agora, lindamente casada com Rex Bell, Clara, a Gata Borralheira ruiva, pensa em fazer ainda mais uma ou duas pelliculas, e depois retirar-se definitivamente para o seu rancho de Nevada, onde se dedicará ás tarefas, mais suaves, de criar gallinhas, cozinhar acepipes e engordar á vontade do corpo, como lhe pede o coração. De todas as Gatas Borralheiras de Hollywood, pode-se dizer, sem receio de errar, que Clara Bow é a unica que nada tem a invejar á heroina do conto de Hans Anderson.

Mary Astor tem tido igualmente uma carreira feliz e bem orientada. Já Corliss Palmer e Allene Ray não foram tão bem succedidas. Corliss Palmer, que, chegou a ser apontada, em certa época, como a pequena mais linda da America, trabalhava numa charutaria de Macon, Georgia. Com excepção de alguns papeis sem importancia, pouco fez no Cinema, e se, ás vezes, por acaso, ainda alguem se lembra do nome della, é porque Corliss andou muito em evidencia na "imprensa amarella", por occasião do divorcio do promotor do concurso vencido por ella. A esposa queixosa mencionara-a como amante do marido perjuro. Mais bonita do que a maioria das grandes estrellas do Celluloide, de nada, porém, lhe serviu a belleza. Ella subira com demasiada rapidez, os prophetas pagos a tanto por linha tinham feito as predicções mais phantasticas sobre o seu futuro em Hollywood... Corliss, realmente, poderia vir a ser uma estrella celebre, se... Sempre o maldito "se"...

Allene Ray, uma lourinha fragil do Texas, foi contractada pela Pathé, que queria fazer della uma segunda Pearl White, a rainha dos Films em series. Por espaço de tres annos, Allene entrou em muitos kilometros de capitulos, nos quaes era sempre a mesma "mocinha" imbelle, perseguida pelas sinistras manobras dos "bandidos". O publico aceitou-a com um sorrisozinho de indulgencia. Nunca a levou a serio como successora da vivissima e endiabrada loura que tão profundamente o emocionara em "The Perils of Pauline". De repente, terminando o contracto, Allene desappareceu de Hollywood com a mesma rapidez com que se guindara a estrella das series. Sahiu rica, mas desilludida. Sonhara em ser uma grande actriz, mas apenas permittiram que fosse uma especie de palhaço de saias.

A lista das Gatas Borralheiras que fracassaram é enorme. Citemos algumas: Fay Lamphier, Josephine Dunne, Betty Bronson, Audrey Ferris, Edwina Booth, Ruth Taylor, Georgina Hale, Merna Kennedy, Virginia Cherrill, Eva Von Berne, Nancy Drexel, Edith Allen, Sue Carol, Alberta Vaughn, Gwili Anore, Mimi Palermi, Hope Drown, Nina Quartero, Jeanette Loff, Carmen Barnes, Virginia Bradford, Jean Arthur, Vera Reynolds, etc.

Quantas lagrimas, quantos dramas ligados a estes nomes! Encontrarão estas pequenas consolo na tranquillidade da vida domestica, no "amor numa cabana", com trepadeiras á porta e as vozes alegres das creanças a chamarem: Mamãe!? E' pouco provavel. Nada no mundo é mais terrivel do que um sonho irrealizado, do que o despenhar dum ideal que mergulha para sempre no abysmo das esperanças mortas!

Foi Macbeth quem disse:

"A vida não é mais do que uma sombra que caminha, um pobre comediante que se apavoneia e se agita, no palco, e do qual, de repente, não se fala nunca mais".

Não se lembram do nome de Fay Lamphier? Ainda ha poucos mezes, toda a gente sabia que pertencia a uma

(Continúa no fim do numero)

Vienna, a cidade onde a musica é uma religião e a educação musical é ministrada aos seus filhos desde a mais tenra idade.

Estamos em 1840. No castello do Barão Von Hausman fazem-se preparativos para o concerto que o pequeno Carl dará ante uma assistencia composta de nobres.

Carl foi creado numa atmosphera de grande amor e respeito á musica e contando apenas dez annos de idade, já é um notavel violinista.

Nesta occasião graves acontecimentos politicos agitavam a Austria. O ambiente era de incertezas e nos meios militares esperava-se uma rebellião, de um momento para outro.

A revolução rebenta exactamente no dia em que o pequeno Carl dá o seu concerto.

Os insurrectos atacam as residencias senhoriaes e o castello Von Hausman é um dos locaes victimas da pilhagem e da sanha revolucionaria.

O Barão é assassinado mas a Baroneza e Carl conseguem fugir e logrando a vigilancia, transpõem a fronteira.

---:o:---

O verão vae adeantado em Charleston, nos Estados Unidos. Os algodoaes estão floridos. Nesta cidade da Carolina do Sul vive agora a Baroneza Hausman.

Occultando seu titulo, ella lecciona musica para viver emquanto Carl continua seus estudos.

A saudade da patria querida e dos tempos felizes é immensa. E ambos procuram na musica, um lenitivo para esta saudade.

Mais areia na ampulheta do tempo. Carl é agora um homem feito e loucamente apaixonado pela loura e adoravel Lucy Terrant, uma pequena da alta-sociedade de Charleston.

Os paes de Lucy, como em todos os casos semelhantes, põem obstaculos ao namoro prohibindo, mesmo, a entrada do joven musico austriaco na casa.

Mas amor contrariado é amor estimulado! O romance entre os dois jovens continua cada vez mais promettedor e os algodoaes em flôr da Carolina foram testemunhas dos idyllios entre o nobre austriaco exilado e a aristocrata americana.

E' declarada a Guerra Civil. O sul dos Estados Unidos prepara-se num grande enthusiasmo contra o norte. Contra a vontade de sua mãe, Carl alista-se. Elle quer tornar-se querido aos olhos da familia de Lucy. E parte contente com a promessa que lhe faz a amada: esperar por elle.

Carl distingue-se extraordinariamente no exercito sulino. Finda a guerra, elle volta a Charleston e tem a surpresa de encontrar o luxuoso solar dos orgulhosos Terrants reduzido á escombros e Lucy na maior miseria.

Mais uma velha familia de Carolina desfeita pelo vendaval de odios, o entrechoque de paixões e ideaes — a guerra.

Casados, partem para New York onde Carl lecciona musica e começa a realisar o grande ideal de sua vida: compôr uma grande symphonia.

Apesar dos seus esforços a vida não é facil ao joven casal. A miseria ameaça o lar e Carl é forçado a deixar de lado sua obra de arte e tornar-se concertista.

A principio é bem succedido mas em breve, victima de um empresario sem escrupulos, Carl começa a achar insuportavel esta situação em que elle negocia a sua arte como se fosse uma mercadoria e sacrifica todo o sonho de sua vida — a sua grande inspiração.

Lucy comprehende a alma de artista de seu marido. E convence-o á abandonar o palco e dedicar o seu tempo a compôr a melodia que sua inspiração lhe dicta.

---:o:---

Mas em pouco estão novamente na pobreza. São dias de luta, amargos, só illuminados pelo amor de Lucy e um grande sonho na alma.

Carl vae de emprego em emprego. Vamos encontral-o agora num "dance - hall" no Bowery. Lucy, por sua vez, acceita toda especie de serviços caseiros para auxiliar o marido e o filho que em breve nascerá.

---:o:---

Prosegue a cavalgada impetuosa do tempo. Estamos em plena guerra hispano-americana. Charles o filho de Carl.

Adoração

BELOVED

FILM DA UNIVERSAL

Carl	John Boles
Lucy	Gloria Stuart
Barão	Albert Conti
Baroneza	Dorothy Peterson
Patricia	Ruth Hall
Erec	Morgan Farley
Londs Lake	Holmes Herbert
Duqueza	Lucille Gleason
Marie	Mae Busck
Sra. Briggs	Lucille la Verne
Charles	Eddie Woods
Revolucionario	Josef Swickard
Doutor	King Baggot
Condessa	Margaret Mann

Direcção: — VICTOR SCHERTZINGER

e Lucy, já é um rapaz e servindo no exercito americano, vem á fallecer em combate.

Carl e Lucy soffrem mais este golpe, na sua vida já tão amargurada. O consolo que lhes resta é Eric, o netinho, que Charles deixara aos seus cuidados antes de partir.

Eric demonstra logo uma grande precocidade musical e isto enthusiasma Carl, que continua a compor sua symphonia, o grande sonho de sua mocidade que já vae se estendendo á velhice.

Na occasião em que Eric completa sua maioridade, a guerra européa arrebata-o dos carinhos de seus avós.

Quatro annos de lutas e ansiedades enormes. Por fim o armisticio e Eric volta ao lar. Um tanto mudado, moralmente, mas são e salvo — o que já era uma alegria para os avós.

Terminada a conflagração mundial de 1914 á 1918, grandes transformações soffreu o mundo. A immensa derrocada de tantos ideaes, o desiquilibrio moral e espiritual...

Carl continua a sua symphonia e em breve a termina. Mas o mundo todo é agora revolucionado por rythmos estranhos. E' o jazz dominador e victorioso!

Apesar do avô classificar a nova musica, como uma melodia sem nexo e sem arte, Eric torna-se um compositor de jazz e em pouco tempo torna-se um grande successo.

Ganha enormes sommas e que amarga ironia poder proporcionar aos velhos o luxo e o conforto que a devoção de Carl, a verdadeira musica, nunca conguiu.

1934. Carl, agora muito envelhecido, ainda luta para o aperfeiçoamento de sua symphonia e ainda discute com o neto sobre a superioridade da musica classica e a esperança que tem de que sua symphonia será vencedora.

Para proporcionar ao avô o consolo do successo, Eric financia uma audição no Theatro Symphonico para que seja apresentada a sua symphonia.

Mas guarda segredo sobre a sua iniciativa. Entretanto, na noite do concerto é extraordinario o successo da composição de Carl! O publico applaude-o como o mais genial compositor da actualidade! A surpresa de Eric é enorme mas, maior ainda é a felicidade que invade a alma do velho Carl.

Não, sua vida não fôra um sonho frustrado, um ideal inutil!

Ali estava a recompensa, áquella inspiração que o animara, vivificando-o contra tantos soffrimentos. Perseguido pela miseria, forçado a sacrificar sua arte para viver, a morte de um filho e por fim a perda de sua adorada Lucy — tudo elle enfrentara procurado um consolo no seu ideal!

E agora, ao ouvir os ultimos acordes de sua victoriosa symphonia a obra de toda sua vida, mesclados aos vibrantes applausos da assistencia, uma extraordinaria emoção invade a alma de Carl. Recostando-se na poltrona elle cerra os olhos num derradeiro somno.

George O' Brien talvez seja o "Marco Antonio", da "Cleopatra", que De Mille vae fazer. Ha annos, George quasi teve um dos principaes papeis de um celebre Film falado do grande director... George deixou a Fox, agora.

Fala-se que Douglas Fairbanks passará a director de Films em Londres.

O proximo Film de Warner Baxter para a Fox será "Hell in the Heavens", Henry King dirigirá.

A Paramount terminou as negociações para a compra de "Beiccaneer", original de M. Anderson e L. Stallings para o proximo Film de Cecil B. De Mille.

Jean Parker reformou seu contracto com a M. G. M. e vae apparecer em "Have a Heart".

Na Warner, Franchot Tone será o galã de Dolores Del Rio em "Farewell to Shanghai" e Ricardo Cortez o de Barbara Stanwick em "A Lost Lady".

A deliciosa "Serenata" de Schubert como motivo principal de um Film! E na producção da Fox: "Serenade" com Lilian Harvey e Nils Asther personificando o grande compositor viennense. Um Film que promette!

Robert Young é o principal em "All Good Americans" da M. G. M.

Janet Gaynor, Will Rogers e Warner Baxter estão em "One More Spring" da Fox.

Revelações duma Extra

COMECEMOS por Greta Garbo. A attitude da celebre actriz, com relação aos "extras", é muito differente da que geralmente adoptam as outras "estrellas". Estas, em sua maioria, apenas nos toleram, quando não peccam por emproadas. Garbo é affavel e discreta.

Já a ouvi dizer, uma vez, á sua amiga Salka Viertel:

— Os "extras" não são criados, nem subalternos. São artistas e como tal devem ser tratados.

Alguem observou, então, que, em certo Studio, os "extras" são chamados "artistas temporarios". Garbo riu-se muito, exclamando:

— Bem lembrado! Na verdade, coitados! são artistas temporarios! E' esse o nome que se lhes deve dar! "Extra", em Hollywood, é um termo quasi pejorativo.

Garbo está sempre fatigada, pois, como não se ignora, soffre duma especie de anemia, que, embora não sendo perigosa, a deprime bastante. O desgaste de energias durante as scenas, que representa, deixa-a exhausta. O seu proprio cansaço leva-a a reparar e a preoccupar-se com o cansaço dos outros.

A esse proposito, certa occasião, no Studio, olhando para mim, da cadeira em que estava sentada, a um canto, a "estrella" sueca disse, de repente, dirigindo-me a palavra:

— Parece que v. está cansada... Sente-se e descanse um pouco!

Respondi que me sentia um pouco doente, mas que não me podia sentar por causa do costume que vestia.

Garbo riu-se, com expressão desdenhosa.

— Qual costume! Sente-se. Aqui está uma cadeira. Trabalhar com o corpo cansado, além de perigoso para a saude, prejudica-nos a efficiencia profissional.

Nós, "extras", ao demais de estarmos em constante contacto com "estrellas" como a Garbo, cuja approximação é vedada até aos proprios jornalistas, sabemos de muitas particularidades que a maioria desconhece.

Nunca li, por exemplo, qualquer referencia ao interesse de George Raft pela reforma das prisões.

George foi criado, em New York, num bairro mal afamado e muitos dos seus companheiros de infancia seguiram mau caminho. Alguns acabaram indo parar á cadeia e é por causa delles que o artista se tem tão activamente empenhado na reforma do systema penitenciario. Quantos não ha regenerado, arranjando-lhes bons empregos, depois de cumprida a pena na prisão!

Ao contrario da Garbo, Constance Bennett liga tanta importancia aos "extras" como a um poste de illuminação publica. E' justamente por essa razão que, em presença da gente, não tem cerimonias, nem guarda conveniencias. Discute assumptos da sua vida privada com a maior naturalidade.

Uma vez, vi-a fazer um banzé no "set". Mandou a objectiva á fava e approximou-se duma amiga de visita ao Studio. Aqui reproduzo as palavras della, ouvidas por mim e por outra "extra":

— Não te espantes, mulher! Foi tudo "fita"! Neste negocio, é preciso, de vez em quando, para impressionar os outros, fingir um ataque de nervos... E eu que sou perita no genero! Só lamento não poder espumar pela bocca, mas, para isso, seria necessario lambusar os labios com sabão, coisa que não me agrada, porque detesto o gosto do sabão!

Hei de gostar sempre de Clark Gable e da sua actual esposa Ria Langham, depois de ouvil-os conferenciar a respeito da ex-mulher do artista, Josephine Dillon. Parece que esta ultima escrevera sobre o ex-marido uma serie de artigos não muito lisongeiros. Lendo-os, os "fans" de Gable ficaram furibundos, investiram pelos jornaes contra Josephine e contra o editor da revista que a acolhera, e, finalmente, participaram ao seu idolo, em dezena de cartas, tudo o que haviam feito em sua "defesa".

Do modo mais bondoso e encantador que imaginar se possa, Clark e a esposa lamentaram entre si a perseguição movida a Miss Dillon pelos "fans" enthusiasticos, mas mal orientados, discutindo o melhor meio de impedirem o proseguimento da campanha.

Tenho visto muitos jornalistas em companhia de Joan Blondell, mas nenhum delles sabe que a actriz costuma andar descalça pelo Studio e que assim entra muitas vezes nos proprios escriptorios dos "executivos". E' um habito infantil de que ella não fala aos "reporters", embora não faça mysterio do seu pendor pelas bycicletas, pelos papagaios de papel e pelos piões dos garotos. Joan tem um coração de creança.

Quem já não ouviu falar no genio exaltado de Katharine Hepburn, nos seus caprichos e nas suas teimosias? Ha mandões do Studio que a temem, mas outros sabem domal-a, quando é preciso...

Uma vez, vi um "executivo" approximar-se della, todo risonho, para pedir-lhe que escrevesse uma carta, não me lembro a quem, a agradecer qualquer coisa. Katherine recusou promptamente, mas, pela sua attitude, tive a impressão de que respondera "não!" apenas pela força do habito. O homem insistiu e tanto falou que a "estrella", de repente, enfurecendo-se, largou um berro, dando as costas ao importuno.

Dali a pouco, porém, surgiu outro "executivo", menos importante do que o primeiro. Trazia nas mãos uma photographia da actriz e um papel com algumas palavras dactilographadas. Katherine devia assignar as duas coisas e o mais interessante é que se destinavam ambas á mesma pessoa a quem a "estrella" se recusara a escrever uma carta, minutos antes! Katharine tornou a negar-se. O "executivo" insistiu jovialmente e a actriz acabou por ir ás do cabo. O homem, entretanto, não era para graças. Obrigou-a a sentar-se e atirou-lhe com o papel e a photographia, apresentando-lhe a caneta-tinteiro.

— Assigne isso e não me aborreça! A senhora pensa que não tenho mais que fazer?

Katharine arregalou os olhos, de espanto, mas obedeceu, e, olhando para ella, no momento em que inclinava a cabeça para assignar, vi-lhe aflorar aos labios um sorriso indefinivel...

Muito se surprehenderão os "fans" em saber que ha innumeros artistas com tendencias socialistas. Jimmy Cagney disse-me, em certa occasião, que era communista dos quatro costados, uma vez que o Communismo não pretende outra coisa senão libertar a humanidade da vergonha do pauperismo.

Warren Kerrigan, de vez em quando, protesta contra a "estupidez do systema economico que nos rege". Uns passeiam de hiate e de "Roll-Royce", outros não têem que comer, que vestir, nem onde dormir. E' um crime!

Lee Tracy acha vergonhoso que, ao lado da riqueza, exista a miseria e que o povo consinta em semelhante estado de coisas, quando pela adopção dum regime economico racional se poderia resolver facilmente a situação do mundo.

E por falar em Lee Tracy, julgam os "fans" que o artista passa a vida a divertir os "extras" com as suas admiraveis pilherias? Nada disso. Lee, na verdade, é um typo exu-

(Termina no fim do numero).

Ao Soar do Clarim

(THE TRUMPET BLOWS)
FILM DA PARAMOUNT

DISTRIBUIÇÃO:

Pancho Montes	**Adolph Menjou**
Manuel Montes	**George Raft**
Chulita	**Frances Drake**
Lupe	**Katherine De Mille**
Pepe	**Sidney Toler**
Carmela	**Nydia Westman**
El Chato	**Edward Ellis**
Vega	**Francis Mac Donald**

Direcção: — STEPHEN ROBERTS

A familia Montes foi uma das mais ricas numa cidade do interior mexicano. Na occasião em que começa a nossa historia o velho solar nada mais tem da opulencia do passado.

Pancho e Manuel são os ultimos descendentes e emquanto Manuel estuda numa universidade nos Estados Unidos, Pancho resolve dedicar-se ao banditismo para recuperar a fortuna dos Montes.

Assim, em breve, todo o Mexico teme os assaltos do perigoso Pancho Gomez pois é sob este nome que Pancho inicia as suas actividades... na bolsa do alheio.

Pancho Gomez é assim uma especie de Ascortid. Usa um chapelão multicor, galanteia as damas, rouba só aos ricos e protege os pobres.

E Adolphe Menjou "bancando" o Warner Baxter neste papel é, positivamente, uma "bola" formidavel!

Os annos passam e approxima-se a epoca da volta de Manuel ao Mexico.

Pancho que muito estima o irmão e tendo ajuntado uma bella fortuna, resolve se aposentar.

Para tal fim, elle faz espalhar o boato que Pancho Gomez foi assassinado, custeando ao famoso bandido um luxuoso enterro.

Desta maneira poderia voltar a ser Pancho Montes sem as perseguições da policia.

Manuel espera encontrar seu irmão na capital, mas, Pancho, apesar do boato da morte do salteador Gomez, guarda um certo receio quanto á policia metropolitana.

Em companhia de Pepe, seu cumplice nos assaltos, elle faz o trem parar em pleno campo e convida Manuel a passar para o seu automovel.

Pancho leva o irmão para a rica "hacienda" que restaurou.

Emquanto percorrem a casa, Manuel logo nota que as creadas de seu mano são encantadoras. Aquella, por exemplo, é uma morena fascinante...

Lupe, a creada, tambem sente-se attrahida por Manuel.

—:o:—

Pancho tem grandes planos para seu irmão, um dos quaes é casal-o com uma das ricas "señoritas" dos arredores.

A' noite, os irmãos dirigem-se á residencia da familia Ramirez, onde Pancho espera encontrar a pequena ideal para Manuel.

Este, logo ao entrar no salão, toma o maior susto de sua vida! A velhice é a nota predominante na reunião da familia Ramirez. O ambiente é funebre como o de um cemiterio e ainda peora a situação, a figura de Carmela tocando um orgão...

E Manuel passa a "soirée" bocejando e esperando voltar quanto antes para a "hacienda" e... para Lupe...

—:o:—

Pancho, sem suspeitar que Manuel se desilludira terrivelmente, com Carmela resolve dar uma grande festa na "hacienda", commemorando sua volta a terra natal.

A surpresa da noite será a apresentação da bailarina Chulita, que voltava triumphante de uma "tournée" pela America do Sul.

Chulita fôra sempre a grande paixão de Pancho, mas devido a sua posição incerta de bandoleiro, nunca tivera occasião de declarar seu amor á linda bailarina.

Com esta festa, Pancho espera realisar diversos planos de um só golpe tornar Manuel noivo de Carmela e pedir Chulita em casamento, para si.

—:o:—

Logo após a chegada de Chulita, Pancho vae ao seu quarto e quando começava a declaração eis que surge Manuel.

Ansioso por conhecer a famosa Chulita, o joven não quizera esperar até a noite. Pancho faz as apresenatções e como Manuel prepara-se para sahir a cavallo, elle propõe que o irmão leve Chulita em sua companhia afim de lhe mostrar a "hacienda".

—:o:—

Tudo preparado para a festa, nada de apparecer Manuel com Chulita.

(Termina no fim do numero).

A TELA EM

Claudette Colbert e William Gargan em "Mulheres e Homens"

Spencer Tracey e Fay Wray em "Loucuras de Shanghai"

O PARAISO DE UM HOMEM (Man's Castle) — Columbia — Producção de 1933 — (Imperio).

Este Film sahiu do cartaz do Imperio com apenas tres dias de exhibição. Foi substituido por "Filhos do Deserto", do Gordo e o Magro. Não estava dando para as despezas...

Frank Borzage pertence ao numero dos directores que raramente acertam com o caminho da bilheteria. Por acaso "Setimo Céo" agradou. Os seus Films são muito bons para agradar sempre e a todo o mundo. Frank faz Cinema, mesmo que o não queira. O Cinema está na sua alma. Compor imagens e reunil-as em lindos poemas visuaes é da massa do seu sangue.

"O Paraiso de um homem" é um dos melhores Films que vimos este anno. E' um trabalho fino, delicado, que encontrará repercussão.

E' uma obra admiravel sob todos os pontos de vista. E' um estudo de caracteres, cujos detalhes e cujas subtilezas só serão comprehendidos pelos idealistas e pelos pesquizadores da natureza humana. São lindos quadros de realismo e psychologia que ecoarão profundamente nos espiritos observadores. Só não agradará áquelles que divisam apenas um lado de todas as coisas.

"O paraiso de um homem" é a historia profunda e commovente da regeneração de um vagabundo pelo amor de uma pobre pequena. A's vezes a gente sente emoções e vê sombras de "Setimo Céo"... E' um **plot** singelo, lindo! Frank fel-o cheio de sentimento e verdade. Spencer Tracy e Loretta Young são dois seres arrancados da propria vida. Não se resiste á belleza incomparavel do seu pungente romance de amor. Frank fel-os humanos como os que mais o sejam. A gente ri e chora com elles!

Spencer Tracy e Loretta Young têm scenas e idyllios inesqueciveis, tão providos de alma! Frank maneja-os á vontade. Dá-lhes a côr que quer. Elles vivem sob a sua direcção magistral.

Não vamos perder tempo em elogiar o trabalho delles dois. Elles são apenas dois excellentes typos que cahiram sob os olhos de Frank Borzage. Este os guiou. Todo o valor do Film — desenvolvimento, detalhes, symbolos, emoções, ambientes e photogenia — está na direcção superior do grande Frank Borzage.

Os **fans** sinceros não pódem perder este Film!

Não se trata de nenhum Film complicado. Suggere estudos e observações que pódem ser feitos e comprehendidos por qualquer um. Mas o Film passado em "ambientes pobres" não teve uma propaganda Cinematographica para ambiental-o. Propaganda não se resume em quantidade phrases bambasticas, muitos annuncios e cartazes como se faz por ahi. Procurando dizer o que é o Film, a propaganda, póde ser intensa porque é sempre honesta. E' pena que Films assim não sejam devidamente exhibidos. Os bons Films são reclamados, o Cinema e principalmente Hollywood são accusados pelo typo "standard" dos seus Films... que tratam de assumptos sem espirito e que não fazem pensar... E quando apparece um Filmzinho assim, não querendo mesmo abordar o Cinema com puro Cinema, procurando fazer philosophia e psychologia, terra a terra... não são devidamente apresentados e apreciados...

Cotação: — MUITO BOM.

MULHERES E HOMENS (Four Frightened People) — Paramount — Producção de 1934 — (Gloria).

Cecil B. De Mille continua a ser o mesmo homem de sempre. Conhece Cinema como poucos. Mas os seus recuos diante da bilheteria são escandalosos. Encontra sempre meios de bajular o gosto popular. Nem mesmo a sua mania de banhos desappareceu.

"Mulheres e Homens" é um bello Film até Claudette Colbert vestir lindas pelles de féras, muito bem cortadinhas para revelar os seus encantos. Tudo o que fica dahi para traz é digno de um grande director, inclusive o banho de Claudette, na cachoeira.

Cecil arranca quatro caracteres humanos de um navio empestado e joga-os em plena selva. Uma professora de geographia, uma senhora viuva, um chimico e um jornalista. Quatro sêres completamente differentes A selva cheia de mysterios e perigos transforma-os aos poucos. O jornalista audacioso passa a ser um frangalho — poeira de humanidade. A viuva aprende a ter coração e a controlar-se. O chimico desperta para a vida e para o amor. E a professora de geographia torna-se mulher. São metamorphoses admiravelmente estudadas por Cecil B. De Mille atravéz de scenas reaes, dramaticas. A sua selva é perigosa, traiçoeira. Amedronta, esmaga, Acaba energias, desperta o instincto de conservação, dilacera orgulhos e vaidades, transforma os timidos em audaciosos.

Claudette Colbert é a professora de geographia. Cacête, medrosa, cheia de preconceitos vê-se de repente despertada para a luta pela vida, transforma-se em mulher energica e amorosa. William Gargan é o jornalista prosa, contador de vantagens, que fica reduzido a um trapo humano diante da hostilidade da natureza. Mary Boland, viuva maliciosa e cheia de preconceitos, adquire coração e domina os nervos. Herbert Marshall, chimico, indifferente a tudo, desperta para tudo. O unico que não se modifica é Leo Carrillo, habitante da selva, embora homem branco.

O arremate decepciona. Claudette mette-se em lindas pelles, torna-se sonhadora, quer viver como Tarzan para não perder o seu amado, que tem uma esposa á sua espera. E no fim voltam todos para a civilização e o par amoroso encontra a felicidade... Cinematographica.

Claudette, Herbert, Mary, Leo e William têm magnificos desempenhos.

Os caracteres, entretanto serviam para cousa bem melhor.

Cotação: — BOM.

ALMA DE MEDICO (Men in White) — M.G.M. — Producção de 1934 — (Palacio Theatro).

Boleslavsky nunca se salientou como director de Films. A sua especialidade é o **close up**. Além disso, pouco mais. Os seus Films a gente vê com interesse muito relativo. São Films de linha. "Alma de Medico", entretanto, constitue uma agradavel excepção na sua carreira. E' um grande Film.

E' verdade que o scenario foi preparado por Waldemar Young. Mas si este soube contar a acção em sequecias photogenicas. Boleslavsky completou a obra com uma direcção surprehendentemente vigorosa, que nada deixa a desejar.

"Alma de Medico" quasi acaba com os Films de hospital e casas de saude. E' superior technica e artisticamente a todos os anteriores. A sua acção poderosamente dramatica tem logar numa casa de saude moderna e provida dos mais extraordinarios recursos materiaes. Muita gente é capaz de duvidar que exista uma casa de saude tão perfeita e completa.

O **plot** é optimo. Esboça em sequencias dramaticas o drama intimo de um medico praticante, hesitante entre a profissão e o amor. Põe a nu os mais reconditos refolhos de sua alma joven, cheia de ambições de gloria. E de permeio narra uma dessas pequenas e dolorosas tragedias de todos os dias.

A operação, a fatalidade da união do medico noivo e da enfermeira idealista, as scenas de Clark com a menina doente — são trechos dos lindos, em que Boleslavsky soube burilar. A vida tem seus momentos terriveis. Neste Film estão alguns delles mostrados com soberbo realismo e em que os **close ups** de Boleslavsky augmentam o valor dessas imagens dentro do Cinema, si assim é possivel dizer-se.

A comedia tambem não foi esquecida. Todos os dramas tem o seu lado comico. Assim em "Alma de Medico".

Clark Gable marca um retumbante triumpho para a sua carreira. Aliás, o elenco todo é bom. Elizabeth Allan tem momentos grandiosos. Os seus **close ups** são espirituaes. São grandes! Jean Hersholt é um medico. Parece que elle nunca fez outra coisa na vida que cuidar de doentes, operar e zelar pelos seus discipulos.

Otto Kruge é uma nota tragica. Myrna Loy representa o romance.

Cotação: — BOM.

MOULIN ROUGE (Moulin Rouge) — 20 th Century — United Artists — Producção de 1934 — (Gloria).

O velho caso da esposa que se faz passar por outra e consegue que o marido se apaixone por ella propria. Dupla personalidade. Ambiente de theatro de revista. Bailados. E canções.

Isso tudo dito assim, simplesmente, dá a impressão de que se trata de mais um Film-revista, com enredo conhecido e **trucs** velhos. Lembrem-se, porém, **fans**, de que a "estrella" do Film chama-se Constance Bennett, a deliciosa Conny dos americanos.

Sidney Lanfield não faz grandes revelações como director, mas o seu trabalho aqui não podia ser melhor, dado o genero do Film é o assumpto que lhe serve de ligação. Ou antes, não é propriamente um Film-revista. E' uma comedia maliciosa e ligeira, que tem como attracções complementares scenas dos bastidores de um theatro de revistas e lindos bailados e **songs**.

E' um excellente divertimento. As sequencias amorosas são adoraveis. E a encantadora e elegante Conny nellas prova ser a artista de Hollywood que tem mais seducção pessoal.

O seu ligeiro sotaque francez faz da linguagem que falla o inglez mais adoravel que já se ouviu. Conny faz uma reapparição triumphante. Os seus numeros e idyllios são quen-

REVISTA

tes e encantadores. Os seus vestidos admiraveis. E' um trabalho que vae elevaI-a muito no coração dos **fans**.

Franchot Tone é o marido. Que magnifico comediante! Tulio Carminati faz esquecer o seu passado tão prodigo em gestos e expressões theatraes.

A direcção final de Lanfield cuida de tudo. Não esquece os menores detalhes. E' claro que não é uma comedia capaz de figurar na Cinetheca mundial. Mas é um bom divertimento. Um delicioso passatempo.

Cotação: — BOM.

ESCANDALOS DE BROADWAY (George White's Scandals) — Fox — Producção de 1934 — (Alhambra).

George White é o dono do mais famoso "cabaret" do mundo. Famoso pelas suas mulheres, celebre pelos seus escandalos, conhecidos pelas suas encrencas constantes com a policia de New York. Ha muito tempo que elle vinha sonhando mostrar tudo isso na téla. Chegou a hora.

"Escandalos de Broadway" foi dirigido por elle. E representado tambem. Mas não é o que se esperava. George em Hollywood teve que lutar com um poder invencivel — Will Heyes. Teve que se portar muito direitinho. Não o deixaram reduzir as roupas das coristas. E não conseguiu passar para a camera os seus escandalos. Pelo contrario, teve até que fazer um Film familiar, com um sensacional numero de creanças...

E' uma revista Cinematographica, que focalisa até a natureza — lagos, montanhas. Mas as suas attracções são demasiadamente theatraes. Vive quasi que exclusivamente de canções. Tem pouca coisa para os olhos. E o plot é menor que nunca. Em todo caso agradará muito. As canções de amor de Rudy Vallée — que camarada ante-photogenico! — e Alice Faye são lindas. Os numeros cantados de Jimmy Durante, Adrienne Ames e Cliff Edwards são hilariantes. E o bailado principal é lindo. Cliff faz uma parodia de Henrique VIII formidavel. Charles Loughton devia ter ficado enciumado...

Vocês durante muitas semanas não esquecerão as canções. Mórmente a dos cachorros... Mas esqueçam as piadas de sal grosso...

Cotação: — BOM.

DIARIO DE UM CRIME (Journal of a Crime) — Warners — Producção de 1934 — (Imperio).

Magnifico drama conjugal, em que brilham extraordinariamente Ruth Chatterton e Adolpho Menjou.

O assumpto é dos que raramente apparecem na téla. No inicio movimentado, empolgante, commovente, admiravelmente narrado pela camera, com dialogos naturaes e sem que o desenvolvimento, delles dependa. As sequencias se succedem com suavidade, ligadas á maneira do Cinema silencioso da era pré-falado. As observações abundam, os caracteres são desenhadas em traços largos, os detalhes esclarecem e o conhecimento da natureza humana do director William Keighley resalta. Depois o Drama torna-se mais intenso ainda, mais terrivel, passa a ser puramente mental. Está nos olhos de Ruth e Adolphe, marido e mulher, ella condemnada a viver com elle, unica testemunha do seu crime, e elle condemnado a viver com ella, a autora da morte de sua apaixonada, Claire Dodd. Vae assim esplendido, impressionante, intenso, até proximo do fim. Ahi encontraram uma solução, que só agradará aos "fans" que temem o desfecho das tragedias. Ruth soffre um accidente, perde a memoria e volta a ter o carinho de Adolphe. Tudo como antes...

Que pena o final estrar um trabalho tão bom.

A atmosphera parisiense é optima.

Cotação: — BOM.

DE BOM TAMANHO — Elmerthe Great) — First National — Produção de 1933 — Imperio.

Joe E. Brown sempre gostou do ambiente de **base-ball**. A First National para lhe fazer a vontade arranjou esta historia.

No principio, logo ás primeiras sequencias, acostumados como estamos com Joe em comedias genero **slapotick**, com todos os absurdos deste e do outro mundo, dá a impressão de uma comedia cacête, molle, arrastada, sem gags apreciaveis e com muito falatorio. Mas essa impressão é só nas primeiras sequencias. Logo se desfaz para se transformar num bom estudo de caracter de um **basebolista** exquisito, caprichoso, convencido e comilão. E Joe vae magnificamente numa successão de scenas dramaticas de mistura com esplendidas situações comicas, que lhe vão expondo o caracter com deliciosa clareza.

E' um bom Film. Diverte e ensina um pouco de psychologia da natureza humana.

O ambiente de **base-ball**, com os treinos, as brincadeiras, os trotes, o apparato profissional consegue interessar pela primeira vez. E a gente aprende, afinal, alguma coisa do complicado **sport**.

Patricia Ellis é a nota romantica. Claire Dodd é um peccado de Joe. E Frank Mc Hugh é o mesmo beberrão de sempre. Não percam.

Cotação: — BOM.

PALOOKA — (Pallooka) — (Reliance-United Artists) — Produção de 1934 — Gloria.

Os Films já nos tem mostrado numerosos pugilistas descobertos repentinamente, que fazem carreira, cahem na farra, esquecem os amigos, decahem e acabam recuperando os prejuizos graças ao despertar dos lirios e do amor adormecido no fundo do coração.

"Palooka" é assim. Só differe dos outros por ser uma comedia e o pugilista que lhe serve de heroe não recuperar os prejuizos como **boxeur**. Stuart Ervin não vence o adversario no **climax**. Pelo contrario, apanha uma sóva tremenda como qualquer Carnéra. Felizmente, porém, era assim mesmo que tinha de ser, para felicidade de sua mãe, Marjorie Rambeau. E afinal de contas elle consegue com isso reconquistar o coraçãosinho da meiga Mary Carlisle.

Mas o melhor do Film não está no romance de Mary e Stuart nem nas peripecias deste no **ring**. O **manager** Jimmy Durante é que centralisa o interesse do Film. Durante é o verdadeiro astro do Film com a sua voz rouca, o seu nariz incrivel e as suas maneiras grotescas. A infernal Lupe Velez põe um rythmo mais veloz quando entra em scena.

E' ella a sanguesuga das energias do pugilista. Marjorie Rambeau está estupendo. Robert Armstrong optimo. Thelma Todd faz com elle o que Lupe fez com Stuart.

Vão ver Durante bancar Bing Crosby!

Cotação: — BOM.

A FAMILIA — (This Side of Heaven) — M. G. M. — Produção de 1934. — (Palacio Theatro).

Um Film sobre a familia, com observações despretenciosas, umas doses de hokum e outras já vistas em muitos Films. Bem scenarizado e representado. Lionel Barrymore abusa um pouco de theatro mas está convincente. Pode ser visto.

Cotação: — BOM.

A HUMANIDADE MARCHA — (The World Changes) — First National — Producção de 1933 — (Odeon).

Este Film está nitidamente dividido em duas partes perfeitamente distinctas: a primeira, magnifica, Cinematographica, real; e a ultima theatral e construida em convencionalismo barato.

A primeira traça em côres fortes e composição Cinematographica, aspectos da vida no primitivo Oéste norte-americano, cheio de perigos terriveis. Vemos as lutas dos seus primeiros colonizadores contra os indios e contra a terra selvagem. Os pioneiros em actividade. Buffalo Bill domina, orienta. A ingenuidade e a pureza dos colonos. Periodo da famosa guerra da seccessão, que a gente não vê, mas sente. A longa e penosa travessia do gado a caminho de Chicago. E depois o nascimento dos matadouros da cidade que hoje é dos **gangsters**. Costumes sociaes e commerciaes da epoca.

Até a morte de Guy Kibbee o Film tem belleza. Depois cahe. Começa a segunda parte. Complicações de familia. Intrigas. Convenções e mais convenções. Os tempos vão passando. E Paul Muni vae vivendo. Tres gerações. E Paul firme como um rochedo e no final ainda assombra a bolsa de New York com a sua pericia de veterano.

Mas o mais interessante é que Aline M. Mahon, que faz a mãe de Paul Muni, vive tambem e assiste a tudo, com mais energia e firmeza do que o filho. Que macrobia!

Paul Muni é excellente material Cinematographico. E' preciso, porém, que não abusem delle. Os cabellos brancos e a barba têm derrubado muitos dos chamados grandes artistas da téla.

Mary Astor vae bem emquanto tem juizo. Quando enlouquece fica horrivel. Patricia Ellis é um raio de luz quando apparece em close-ups. Jean Muir é outra criaturinha de sonhos. Margaret Lindsay está deslocada. Não se póde transformar uma mulher como Margaret em senhora quarentona! E' um absurdo! São caracterisações que a gente só admitte no palco

Pequenas que apparecem em "Moulin Rouge"

A acção de "A Humanidade Marcha" atravessa quasi um seculo. O Film, além disso, é tão desnecessariamente longo, que a gente pensa que vae continuar pelo seculo XX a fóra até o anno 2000... A direcção de Mervyn Le Roy varia com cada sequencia.

Cotação: — BOM.

O DRAMA DE UM HOMEM (One Man's Jokmey) — R.K.O.-Radio — Producção de 1933 — (Rex) e (Broadway).

Drama um pouco theatral da vida de um medico da roça. Todos os Films de qualquer dos Barrymores têm mais theatro do que Cinema. Este não foge á regra em varias sequencias.

Scismaram que os celebres manos são grandes artistas e zás! tome liberdade para representar á vontade.

O assumpto é bom. Tem bastante dramaticidade e apesar das prerogativas de Lionel o Film não tem exaggeros de representação e corre normalmente, ajudado por situações sentimentaes, que arrancam emoção.

O proprio Lionel não abusou da liberdade de fazer theatro. Tem boas scenas — a irrupção epidemica, o jantar do mundo medico. May Robson não desmente seu talento. Joel Mac Crea e Frances Dee encarregam-se do elemento amoroso. E Dorothy Jordan tem um magnifico trabalho.

Lionel é o medico da roça, o heroe que se sacrifica pelos seus semelhantes, que vae da obscuridade á estima universal.

Podem ver.

Cotação: — BOM.

ALEGRIA NO AR (Myrt And Marge) — Universal — Producção de 1934 — (Pathé).

Um Film-revista despretencioso, com um fio de historia, apresentando artistas do theatro e do radio tambem. Ted Healy, Eddie Foy Jr. Graces Hayes e outros. Direcção de Al. Resemberg.

Cotação: — REGULAR.

MEL, AMOR E VINAGRE (Love, Honor And Oh, Baby!) — Universal — Producção de 1934 — (Pathé).

Uma boa comedia com Slim Summerville e Zasu Pitts. A maior parte das scenas são passadas num tribunal.

George Barbier collabora nas gargalhadas.

Cotação: — BOM.

A MULHER PREFERIDA (One Sunday Afternoon) — Paramount — Producção de 1934. — (Pathé Palacio).

Gary Cooper, Neil Hamilton, Fraces Fuller e Fay Wray num Film passado nos tempos de João Canudo, com algumas scenas naturaes. Boa interpretação.

Cotação: — BOM.

AMO ESTE HOMEM (I Love That Man) — Paramount — Producção de 1934 — (Pathé).

Não é historia que se possa levar á serio. Tem muitas coincidencias absurdas. No fim de contas é mais um Film de contrabandistas de bebidas alcoólicas, de mistura com ladrões, piratas, etc.

Edmund Lowe e Nancy Carroll têm bons trabalhos. O saudoso e veterano Lew Cody toma parte.

Póde ser visto.

Cotação: — REGULAR.

O ULTIMO FAVOR (Frontier Marshall) — Fox — Producção de 1934 — (Eldorado).

Os Films "far-west" de George O'Brien são sempre agradaveis. E este tem tambem a belleza de Irene Bentley para tornal-o ainda mais apreciavel.

Ruth Gillette promette. Lembra Mac West...

Cotação: — REGULAR.

DANUBIO DOS MEUS AMORES — Ufa — Producção de 1933 — (Alhambra).

Film do typo opereta. Mas opereta mesmo. Não é opereta Cinematographica. Tem todos os defeitos de uma opereta Filmada.

Num palco a gente tolera uma porção de coisas que a camera transforma em ridiculo.

"Danubio dos Meus Amores", tem tudo isso e quasi nada de Cinema. Só se salvam os aspectos interessantes da festa da colheita, a sequencia da piscina, uma ou outra scena amorosa e o final, que, apesar da theatralidade agrada e interessa.

O romance de Rose Barsony e Wolf Alback Retty é demasiadamente leve para interessar.

Rose Barsony é uma figurinha elegante, bonita e seductora. Dansa com graça e encanto. Mas.... O director a b andonou-a inteiramente. Deu-lhe carta branca para representar como melhor entendesse.

Cotação: — REGULAR.

SE EU FOSSE LIVRE (If Y Were Free) — R.K.O.-Radio Pictures — Producção de 1934 — (Broadway) e (Rex).

Irene Dunne novamente ás voltas com preconceitos e convenções sociaes. O assumpto é bem familiar, desses feitos sob a orientação standardisada dos burocraticos departamentos de scenario de Hollywood. Está cheio de coincidencias miraculosas e logares communs.

D o i s casaes infelizes. Clive Brook e Irene Dunne são as victimas das duas sociedades conjugaes. Irene, então, como mulher, tem que enfrentar a sociedade mais cheia de preconceitos do mundo — a sociedade londrina. E como não podia deixar de ser, o **close up** final apresenta-os livres para o amor.

O tratamento é fraco. Ha sequencias que dão a impressão de theatro. Mas está bem representado, os dialogos são bons e encerram muita malicia fina.

E' pena que se desenrole vagarosamente. E os caracteres sejam delineados sem clareza.

Clive Brook apresenta-se com a linha impeccavel de sempre. Irene tem scenas admiraveis e momentos de pouca significação. Nils Asther faz um marido cruel e conquistador sem muita convicção. Está desbocado.

Como divertimento é apenas toleravel.

Cotação: — REGULAR.

NEM TUDO SE COMPRA (You Can't Buy Everything) — M. G. M. — Producção de 1934 — (Imperio).

E' este o primeiro Film de "estrella" de May Robson. Outros virão. Muitos outros. E' o caso da gente ir chorando desde já o final da carreira della. Com certeza acabará embrulhada em Films chorosos, theatraes e pejados de sentimentalismo barato — de "hokum" emfim.

Este passa. E' uma producção feita com os cuidados da M.G.M. Póde ser visto, embora a sua historia seja muito convencional e o caracter de May não esteja desenhado em traços reaes. Ella faz uma velha avarenta, capaz das maiores crueldades para accumular dinheiro. Entretanto a sua avareza não é real. A sua vida miseravel está exaggerada, para causar effeito. E' um "pão duro" de saias, mas assigna secretamente doações de milhares de "dollars" para sociedades de benemerencia. No fim, a gente não entra no seu intimo, não consegue vêr claro no seu caracter.

A sua vingança contra Lewis Stone, seu namorado dos tempos de moça e a paixão de seu filho, William Bakewell, pela filha de Lewis, Jean Parker, são das mais puras joias de convencionalismo.

Muito theatro. Pouco Cinema. Mas bem representado e com boas pilherias.

May, aliás, é mais material de palco, que de Cinema. Charles Reisner, o director, não conseguiu esconder isso nas sequencias do Film.

Jean Parker e William Bakewell dão a nota romantica. Lewis Stone e Claude Gillingwater a nota mais Cinematographica do Film. E Mary Forbes, mãe de Ralph Forbes, tem um bom e sympathico trabalho.

Cotacão: - REGULAR.

O HOMEM DA FLORESTA (Man of the Forest) — Paramount — Producção de 1933 — (Imperio).

Mais uma novella de Zane Grey que passa para a téla pela segunda vez.

O assumpto é velho. Trata de uma questão de terras, em que um pirata, Noah Beery, procura expoliar o pae da heroina, Harry Carrey. Mas o heroe, Randolph Scott — exquisito heroe, colleccionador de leões — está vigilante. Rapta a heroina, Verna Hillie, doma-a e liquida os patifes todos da região.

Correrias. T i r oteios, Assassinios covardes. Raptos. Pancadaria. E um final retumbante, com uma batalha tremenda e um incendio espectacular.

O villão é abatido. Não pelo heroe. Encarrega-se do serviço, da acção metritoria a pacifica Blanche Friderici.

Tem boas piadas a cargo de Vince Barnett e Glinn Williams.

Está longe de ser um bom **western**. E' pena. As novellas de Zane Grey costumam dar bons Films.

O melhor do elenco é um leão.

Cotação: — REGULAR.

FILHOS DO DESERTO (Sons of the Desert) — M.G.M. — Producção de 1934 — Palacio Theatro.

Não é das melhores comedias da famosa dupla Oliver Hardy-Stan Laurel, apesar de contar ainda com a ajuda de Charley Chase.

Faz rir e muito. Tem o **slapstick** do costume. Tudo gira em torno de complicações conjugaes. Farras grossas. Ciumada. Louça quebrada. Trem de cozinha transformado em munição.

A sequencia da assembléa é estupenda. A da convenção, com o dialogo telephonico, faz estourar. E a final — bombardeio de louça e panellas, etc. — tem piadas gosadissimas.

William Seiter sabe dirigir comedias. Os Films que elle dirige têm a sua marca, o sabor especial que só elle sabe imprimir.

Mae Bush é a esposa de Oliver, barulhenta, zangada. Dorothy Christy a de Stan Laurel. Lucien Littlefield toma parte.

Vão ver as aperturas domesticas de Oliver e Stan, casados com duas mulheres ciumentas. E não se esqueçam de arregalar bem os olhos na sequencia do bailado **hawaiano.**

Cotação: — REGULAR.

O FAMOSO MR. BROWN (Yes, Mr. Brown) — British Dominions — Dist. United Artists — Producção de 1933 — (Gloria).

Uma pretenciosa comedia britannica, de genro duvidoso, que apenas faz sorrir de quando em quando.

Dirigiu-a Jack Buchanman, que tambem é o seu principal interprete. Jack é um fracasso como director. E como artista só agradou sob a direcção de Lubitsch, em "Monte Carlo".

Afinal de contas a gente não sabe si o Film é opereta, theatro ou Cinema falado. Margot Grahame é uma loura photogenica e que tem graça, seducção. A tal de Elsie Randolph, a morena, tem um nariz, tão phenomenal que fará inveja a Jimmy Durante.

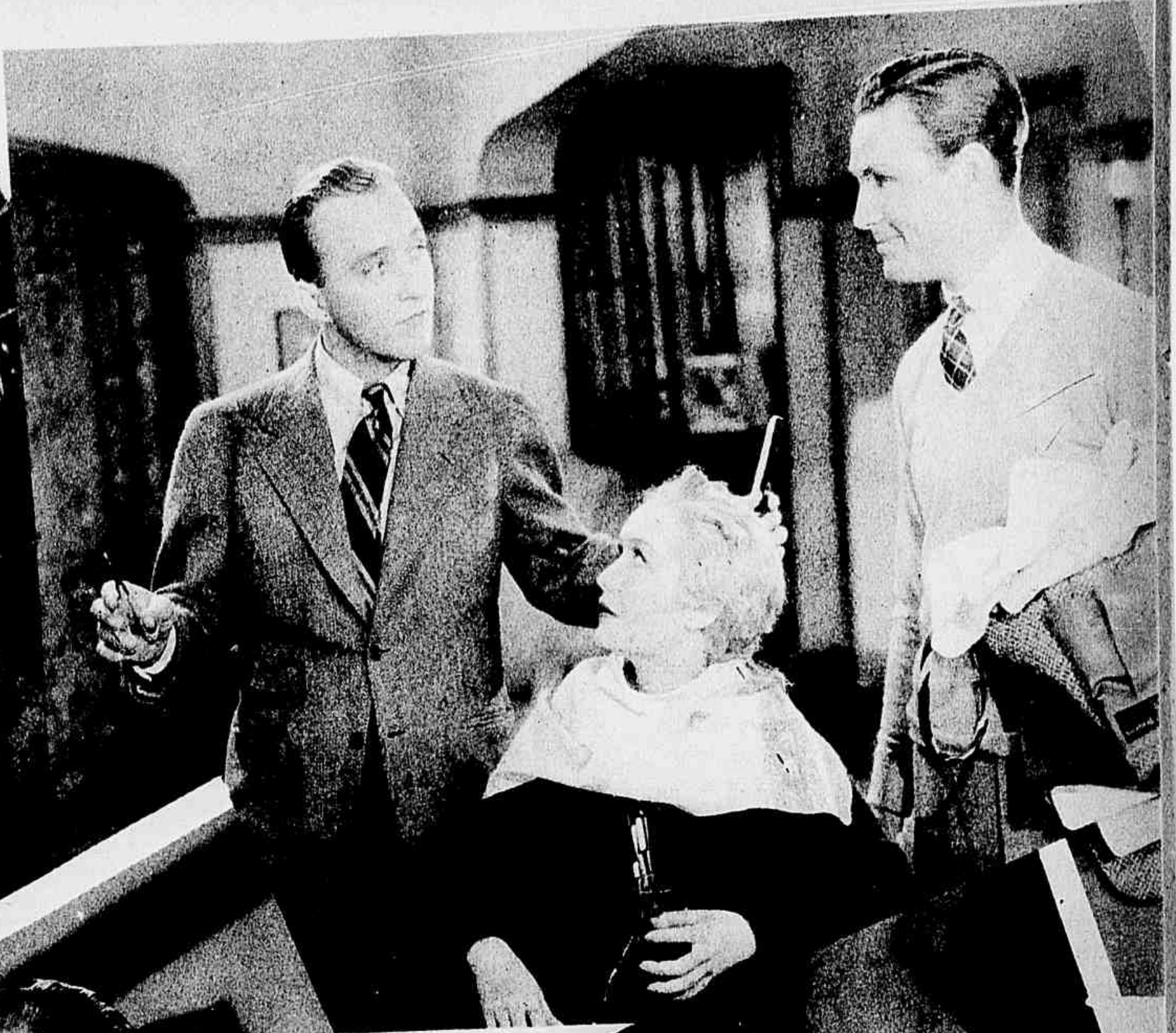
Cotação: — FRACO.

TIGRE DEMONIO (Devil Tiger) — Fox — Producção de 1933 — (Alhambra).

"Agarrando - os vivos" abriu uma nova era para os Films de féras, augmentando as scenas de lutas de animaes, presos dentro de um cercado.

Animaes pequenos, a maioria das vezes, e com pouca vontade de brigar. Satisfará as platéas admiradoras do genero.

Na vislumbre de historia que tem o Film, figuram Marion Burns, Harry Woods e Kane Richmond.

Cotação: — REGULAR.

SCENAS DO FILM "THE LOVES ME NOT" DA PARAMOUNT

MIRIAM HOPKINS, BING CROSBY e EDDIE NUGENT

Vou continuar

(FIM)

— Esperem, dizia a quem a queria ouvir. Posso fazer pontas agora, mas, daqui a dois annos, serei estrella. Esperem.

Katharine chegou effectivamente a estrella, mas estrella de Cinema. Não se deu por satisfeita.

Quando começaram a perseguil-a com pedidos de entrevistas e de autographos, quando todo o mundo começou a metter o nariz na sua vida privada, Katharine teve medo.

Se chegar a fazer successo, disse um dia em casa de seus paes, quero devel-o ao meu proprio merecimento e não a todo este espalhafato em volta da minha pessoa.

Houve quem estranhasse.

— Se chegar a fazer successo Mas V. é já uma das maiores estrellas do Cinema!

— Tudo isso póde ir por agua abaixo numa noite! replicou Katharine, com uma expressão enigmatica.

Ter-lhe-iam essas palavras vindo á lembrança na noite em que estreou em ""The Lake"? A propria actriz confessa que se sentia presa de grande nervosismo. Que lhe estaria reservado? Correria perigo de perder todo o prestigio, que conquistara no Cinema, por causa daquella pecinha, que, na verdade, se não fosse a sua presença em scena, iria irremediavelmente para o porão, logo na primeira noite?

A Broadway não deu a Katharine Hepburn o que devia dar, mas o publico de qualquer modo gostou della.

Uma semana depois da estréa de "The Lake", as revistas de modas da metropole vinham cheias de modelos que mostravam a influencia do typo de Katharine. Ao cabo de duas semanas, as lojas que vendem vestidos copiados dos das estrellas começaram a receber pedidos de "coisas á moda da Hepburn".

Mas isso não é bastante. O que Katharine quer é firmar-se no theatro, é triumphar no palco, como já triumphou diante da objectiva. Quer progredir!

Ella sabe o que quer, porque quem sae aos seus não degenera! Katharine é filha dum heroica mulher, a Sra. Thomas Norval Hepburn, que se bateu ardorosamente pelo suffragio feminino e que luta, agora, com a mesma fé e o mesmo ardor, pela causa do "birth control".

Emquanto Katharine recebia applausos na Broadway, a Sra. Hepburn, em Washington, pugnava pelo seu ideal. Os jornaes, quando falavam della, diziam: "Mãe de seis filhos, entre os quaes Katharine Hepburn, estrella do palco".

Katharine é filha mais velha e a mãe tambem se chama Katharine, Katharine Houghton Hepburn. O nome de Houghton vem de Alanson B. Houghton, ex-embaixador americano em Londres, que era primo da mãe da actriz.

Katharine começou no theatro em Baltimore, na companhia Knopf.

Desde então, tem trabalhado sempre arduamente. Criada ao ar livre, entre os irmãos, affeiçoados a toda a classe de sports, Katharine possue invejavel robustez, physica. Muito creança ainda, era já eximia em acrobacia e natação. Katharine nada e patina com summa perfeição.

Foi em Fenwick que a actriz ensceenou e dirigiu as peças, que o irmão Richard, ha pouco formado por Harvard, adaptava, em garoto, das "Mil e Uma Noites" e outras obras, como por exemplo "A Bella e a Fera".

As scenas hilariantes que, em "Little Women", nos mostram as irmãs March como amadoras theatraes fizeram parte integrante da juventude de Katharine.

Muitos antes, porém, de representar em familia, a estrella já fizera o seu apparecimento em publico, tomando parte numa passeata, organizada por sua mãe, em prol do suffragio feminino. Vestida de branco, com um archote na mão, Katharine percorreu as ruas de Hartford num carro, onde um letreiro dizia em grossos caracteres: "O nosso desafio ao Futuro".

E' esse ainda o lemma de Katharine Hepburn. Ella tem sempre desafiado o futuro e, provavelmente, acabará vencedora.

Nos ultimos annos, a mãe apoiou os pendores da filha pela carreira theatral, convencida de que querer é poder. A Sra. Hepburn sabe disso por experiencia propria.

Sempre sahiu victoriosa das suas campanhias, mesmo falando ás massas com um ou dois filhos nos braços.

Um desafio ao Futuro! E' o secreto pensamento de Katharine Hepburn, quando proclama:

— Vou continuar!

Cinearte

Propriedade da S. A. O MALHO

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registada, com valor declarado), deve ser dirigida á Travessa Ouvidor nº 34.

Telephones: Gerencia 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

Gatas Borralheiras

(Continuação)

das mais bellas mulheres da America, vencedora dum concurso de belleza nacional, realizado em Atlantic City. Na sua qualidade de "Miss America", Fay foi, por assim dizer, "estrellada" pela Paramount no seu primeiro Film "Venus americana". Hoje, é dactylographa no proprio Studio e dá graças a Deus por poder ganhar os seus vinte e cinco dollars semanaes.

Lembram-se quando Betty Brorson foi escolhida entre centenas de moças, para o papel de "Peter Pan?" O proprio autor da obra Sir James Barrie ap-

provou a escolha, preferindo a desconhecida Bronson a grandes nomes como Mary Pickford, Bessie Love e Marilyn Miller! Houve que affirmasse, com convicção, que Betty fez mais successo no papel do que a propria Maude Adams. Os entendidos proclamaram logo que a promettedora garota era a herdeira logica ao thrano, deixado vago pela incomparavel Mary Pickford. Betty, porém, estava condemnada a ser sempre Peter Pan para o resto da sua curta carreira Cinematographica. O publico embirrou que não havia de ver nella uma mulher igual ás outras; Betty fizera-o acreditar em fantazias, com tal poder de persuasão, que a illusão, tão facilmente adquirida, não poderia ser destruida com coizinhas pertinentes ao sexo, ao peccado e á "sophistication". Quando Betty sahiu da Paramount, vegetava nas cavalgadas marca Zane Grey. Agora, está casada e mora numa pequena cidade de North Carolina, onde provavelmente, costuma ir ao Cinema, de coração magoado, a ver as outras Gatas Borralheiras. Emquanto isso, Mary Pickford, que abriu caminho, pollegada por pollegada, subindo aos poucos, até attingir os páramos, continúa a ser uma das favoritas da America.

Edwina Booth foi outra "estrella dum só Film". O mesmo se poderá dizer com relação a Ruth Taylor. Miss Booth, sahindo da massa anonyma dos "extras", teve aquelle papel em "Trader Horn". por espaço de dois annos, trabalhou ao sol ardente da Africa, sujeita a febres, aos ataques dos animaes ferozes, ás ferroadas dos insectos venenosos. Depois, conheceu a gloria ephemera de Hollywodd. Teve um regresso triumphal e uma "première" formidavel no Grauman's Chinese Theater. Mas voltara sob os cuidados dum medico, com a saude seriamente abalada. O Studio não renovou o contracto e agora Miss Booth, no delirio da febre, sonha ainda com o feliz final que deveria haver na historia de todas as Gatas Borralheiras.

Ruth Taylor, banhista de Mack Sennett, deu um grande pulo e tornou-se estrella da Paramount, quando a escolheram para o papel de Lorelei Lee em "Os cavalheiros preferem as louras".

(Continúa no proximo numero)

CARY GRANT NÃO MUDOU!

(FIM)

ceu em meus Films — chama-se Madame Cary Grant!"

"Não, não farei um Film com Virginia. Acho contraproducente marido e mulher juntos num mesmo trabalho, fazendo declarações de amor que aos olhos do publico perdem metade do interesse e rouba ao Film certa realidade.

Mas, agora falando com franqueza — gosto de Mae West, Marlene e Sylvia Sidney, com quem tenho trabalhado mais de uma vez.

A proposito do seu primeiro trabalho — elle me diz: "Horrivel! Você acredita que eu cheguei a desanimar?. Nunca me vi tão pavoroso em toda a minha vida como nesse Film, onde o meu "make-up" era o que ha de mais mal feito... Mas, foi tudo impressão do primeiro contacto com o Cinema. Hoje, estou acostumado e sinto-me contente com a minha nova carreira."

Pergunto-lhe se elle vae cantar nesse novo Film e elle diz: "Não. Nada cantarei neste trabalho, mas o farei no proximo: *Kiss and Make-Up*. "E elle recorda então *Madame Butterfly*, que fizera com Sylvia Sidney.

"Sim, cantei nesse Film, e foi a coisa mais trabalhosa fazel-o, pois deveria cantar sentado numa cadeira. Sylvia estava no meu collo e ainda mais — pesava como poucas... Aquella kimono, aquelle penteado alto!

Para mim foi um dos momentos mais incommodos de todos os meus Films. Nem sei como pude cantar mais ou menos... Um verdadeiro caso serio!"

Durante a nossa palestra, o nome de Skipworth veiu á baila e eu recordei o facto de que ella ficou surpreza de que eu não sabia jogar *bridge*. Elle riu-se e confessou-me que se bem que seja jogador dessa "praga social", não o faz como maniaco.

"*Bridge*, mania que lavra por estes Estados Unidos, é o passo mais rapido para o divorcio." E elle tem razão. Contou-me que no navio de volta, havia um casal e mais dois amigos que formavam um quarteto perigoso para o *bridge*. E, com um ar galhofeiro, elle diz: "Brigaram a viagem toda. Viviam discutindo as diversas phases e as varias mãos do jogo... e, dias antes de chegarmos a New York a mulher ficou um dia inteiro na cabine... chorando ou pelo menos fazendo planos para seguir para Reno e tratar do divorcio... Por isso, eu e Virginia juramos que nunca jogaremos juntos — por causa das duvidas!"

Elle não tem predilecção por este ou aquelle papel. Gosta, porém, de cantar e o fará no seu proximo Film, como já o fez naquelle trabalho de Sylvia Sidney, assim como tambem em "Alice no Paiz das maravilhas", onde elle canta o "Mock Turtle Song", engraçado e pittoresco, caracterizado da Falsa Tartaruga...

Cary está, como sempre, bem disposto. Parece que goza uma saúde de ferro e se não tosse aquella perna (que, agora, felizmente, está bôa) elle poderia dizer que era odiado pelos medicos... A sua alegria é qualquer coisa que incentiva e anima os que com elle palestram. E fiquei contente de o ver ainda o mesmo, sem haver mudado, mesmo hoje, que é conhecido e famoso. Mesmo, agora, quando a Paramount o tem em grande conta e para elle reserva papeis realmente importantes e que só servirão para lhe dar ainda mais successo.

Vocês gostariam de o conhecer e sentiriam por elle o mesmo grão de sympathia que todos aqui, em Hollywood, lhe dedicam.

Cary é um rapaz ás direitas. Um caso que Hollywood olha com espanto, pois, em geral, a fama sóbe muito depressa á cabeça de seus favoritos... E que coisa desagradavel do que falar com um sujeito convencido!

Em Cary a gente não encontra vaidades nem pose — apenas a sua alegria communicativa, o seu bom humor habitual, a sua amizade que não muda... Elle é o mesmo jovem que eu encontrei ha mais de dois annos. O mesmo que me chamou amigo e que, subindo a escada da Fama e do Successo, nunca se esqueceu de vir ao meu encontro e ser sempre grato e sincero em seu reconhecimento por *Cinearte*.

Linguas Ferinas De Hollywood

(FIM)

já muitos annos que estava casada com o seu jovial manager.

A noticia, como é bem de ver, produziu um effeito formidavel, fazendo com que Mae West mudasse completamente de attitude com respeito á imprensa. Sempre muito amavel com os jornalistas, a artista passou a olhar para elles com desgosto e desconfiança, parecendo disposta, por espaço de algumas semanas, a fazer como faz a Garbo, que foge sempre a qualquer especie de contacto com os escrevinhadores profissionaes. O jornal, que estampou a noticia mentirosa teve que desmentil-a, logo ao dia seguinte, pois Mae, furiosa, ameaçou de levar o caso aos tribunaes. Aliás, o dono da "folha de couve" é useiro e veseiro nesses processos, estando com a entrada prohibida em todos os Studios.

Outro prato muito do agrado dos pasquineiros é a existencia de imaginarias rivalidades entre figuras proeminentes do Cinema. Quando, por exemplo, Constance Bennett se casou com o marquez ex-marido de Gloria Swanson, quanta mentira não veiu a lume! O publico ficou convencido da explosão dum grande odio entre as duas actrizes. Nada menos verdadeiro. Constance só conheceu Henri de la Falaise depois de o marquez se haver separado de Gloria.

Joan Crawford e Jean Harlow mal se conhecem e, no entanto, passam por inmigas rancorosissimas. Espalharam que Jeanette Mac Donald e Ramon Novarro brigaram durante a Filmagem de "O gato e o violino". Mentira. São excellentes camaradas.

A luta pela vida é que faz tudo. Os reporters, ao igual do resto dos mortaes, têm que comer todos os dias, mas, para isso, necessario se torna passar sempre a perna nos outros collegas, que tambem comem. E, em Hollywood, não é só a competição o problema. Muitas vezes, ha que antecipar noticias. Dahi a enxurradas de invencionices.

Não ha questão que não tenha duas faces; o reporter esfomeado, porém, apenas vê aquella que lhe dá de comer! Em Hollywood, as noticias são inventadas, antecipadas, exaggeradas, e, depois, se preciso fôr, desmentidas.

A exigencia da authenticidade das informações, um dos principios basicos da ethica jornalistica, não vigora em Hollywood.

Todo o boato é considerado materia publicavel, seja qual fôr a sua origem. As fontes mais preciosas são os ex-empregados dos artistas, principalmente aquelles que se mostram dispostos a trair por bom preço, a confiança que, noutros tempos, se depositou nelles. Os reporters interrogam essa gente e não querem saber se o que lhes contam é ou não verdade. Comtanto que a historia seja inédita e sufficientemente escandalosa, publica-se.

O publico, geralmente, prefere acreditar sempre no lado peor de Hollywood. Não admira, pois que as publicações, que

se dedicam, com especialidade, a narrar miserias e torpezas da Cinelandia, offereçam tão magnifica remuneração a quem quizer escrever meia duzia de tiras sobre o proximo divorcio de Fulano ou sobre as bambochatas em que ultimamente tem andado mettida Cicrana.

E tudo isso, sommado á attitude do publico, boycotando, ás vezes, certos artistas, deu em resultado apparecer em Hollywood nova e terrivel calamidade:

a dos "blackmailers". São burlões, que, sob a ameaça de escandalo, se dedicam ao negocio de arrancar dinheiro das mãos dos artistas. As sommas embolsadas por esses deshonestos individuos sobem já a muitos milhares de dollars. Durante a guerra hispano-americana combateu-se ao grito de "Lembrae-vos do "Maine"". O grito dos "blackmailers" de Hollywood era: "Lembrae-vos de Chico Boia".

Um dos processos mais usados pelos "blackmailers" consiste em mandar compor um artigo calumnioso e levar as provas á victima.

— Isto vae sahir amanhã, mas póde-se dar um geito, porque o director do jornal é meu camarada... Falarei com elle e, desde que o senhor se comprometta a reembolsal-o das despesas já feitas com quem levou a informação e com a composição do artigo, tudo se arranjará...

O director do jornal é sempre "camarada" e as despesas feitas com a "informação" não são nunca inferiores a mil dollars. O artista, porém, lembrando-se, aterrado, da "clausula da moralidade" e do implacavel julgamento do publico, prefere, geralmente, deixar-se roubar.

Recentemente, porém, alguns "astros" tivram coragem sufficiente para chamarem a policia. O exemplo animou outras victimas e, assim, as actividades dos "blackmailers" entraram a declinar.

Quando Hollywood, ha annos, entendeu de cultivar o escandalo e o sensacionismo, para fins de publicidade, deu corpo a um Frankenstein, que, de tempos a tempos, ameaça destruir o seu proprio criador. Só ultimamente, devido aos esforços dos Studios, conjugados com os Will Hays, entrou a situação a melhorar.

O peor de tudo é que um escandalo, por mais antigo que seja, não morre nunca. Mary Pickford, ha pouco, andou envolvida com a justiça, por causa dum processo que ainda dizia respeito ao seu divorcio de Owen Moore e consequente casamento com Douglas Fairbanks. Joan Crawford nunca conseguirá fazer cessar inteiramente certos commentarios com respeito á sua separação de Doug Jr. Mary Miles Minter será sempre a "mulher do caso William Desmond Tayler", etc.

O melhor antidoto contra o escandalo, está provado, é a franqueza da pessoa attingida. Marlene Dietrich merece os maiores elogios pela habilidade com que se houve numa situação delicadissima. Quando Rita Von Sternberg accionou o marido-director, falou na existencia "doutra mulher". Immediatamente, Mariene fez a seguinte declaração pelos jornaes: "Essa tal mulher sou eu e a verdade é esta". Se a artista adoptasse a attitude do silencio, os boatos maliciosos, as insinuações maldosas, seriam ás centenas e durariam mezes.

Linguas ferinas de Hollywood! A unica maneira de as fazer calar é ter coragem sufficiente para encarar todas as situações de frente sem hesitações e sem hypocrisias.

Ao soar do clarim

(FIM)

Pancho desmancha-se em desculpas com a familia Ramirez. Manuel e a bailarina chegam, por fim e a festa é iniciada.

Manuel vae dando uma relativa attenção á Carmela mas ao surgir Chulita, elle esquece-se por completo da tola provinciana.

Chulita, numa fascinante rumba, arrebata as attenções de todos os presentes.

E não é para menos. Bem imaginamos como deve estar maravilhosa nesta rumba, a formosissima Frances Drake

A senhora Ramirez, porém, não aprecia o bailado de Chulita e mostrando-se offendida, retira-se magestosa e ridiculamente da festa...

Com o decorrer do beile Manuel e Chulita, attraidos, mutuamente, se declaram. E á noite Chulita não tem coragem de impedir a entrada de Manuel no seu quarto.

Ao voltar aos seus aposentos, pela madrugada, Manuel encontra Pancho á sua espera. Este quer lhe confessar que Chulita vae ser sua esposa.

Estupefacto a principio, Manuel resolve depois sacrificar o seu amor pela bailarina afim de não ferir o irmão.

Elle deixa a "hacienda" e vae para a granja do toureiro El Chato, seu amigo de infancia.

Para esquecer sua paixão por Chulita, decide tornar-se um toureiro.

Ao dar por falta de Manuel, Pancho encolerisa-se e declara que não mais o considera como seu irmão.

Chulita, porém, vae á granja do toureiro á procura do homem que ama. Sua surpresa ahi é dolorosa, pois é recebida com indifferença por Manuel e tratada como se fosse uma simples mundana.

Bem treinado por El Chato, Manuel prepara-se para torear em Corrales.

Passando por um theatro tem a surpresa de ver o nome de Chulita nos cartazes.

A bailarina dá um espectaculo de despedida pois está em vesperas de partir para a Hespanha.

A tentação de rever Chulita mais uma vez é mais forte do que sua amisade pelo irmão. E Manuel entra no theatro.

Ao ver Chulita elle comprehende que é impossivel viver sem ella.

Procura-a no hotel. Chulita a principio finge indifferença mas por fim cahe em seus braços...

Chulita nota que Manuel não está apto para "torear". Elle demonstra um certo receio...

Chulita roga-lhe que desista. Manuel não quer ceder.

Desesperada, ella corre á "hacienda" e avisa a Pancho que Manuel vae enfrentar uma morte certa, na arena.

Pancho a principio recusa intervir. Elle sabe que Chulita vive com Manuel e não quer perdoar.

Mas a amisade fraternal fala mais alto que o ciume, no seu coração, e elle corre a Corrales na companhia de Chulita.

Na arena Pancho censura vehementemente Manuel. Elle não devia "torear" pois era um medroso.

Offendido com a observação do irmão, Manuel, ao tocar o clarim, corre á arena e enfrenta um touro bravio.

Depois dos primeiros lances o touro fere Manuel.

Para salvar o irmão, Pancho pula na arena e desvia o animal.

Mas por sua vez, expõe-se a uma morte certa quando Manuel, num ultimo esforço, avançando contra o touro, mata-o de uma estocada.

A assistencia applaude com enthusiasmo e Pancho abraça com alegria o irmão e Chulita.

Amarguras da Gloria

(FIM)

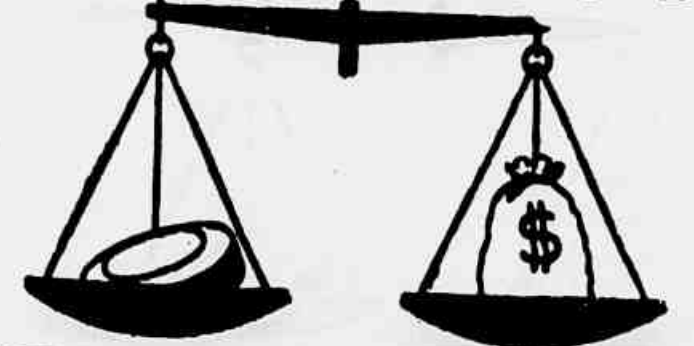
Clark, naquelle tempo, era um typo rude, inimitavel nos papeis de "gangster", de mineiro e de pascador. O Clark actual é um rapaz educado, que fala em voz baixa e que parece muito á vontade vestido de "smoking". Como actor progrediu mais do que se esperava, mas perdeu muito do antigo pittoresco.

Olhem para Chevalier e reflictam. E' o que se chama um homem do povo. Dizem até que foi criado nas ruas de Paris. Depois da guerra, entrou para o theatro, e como falava a linguagem do povo melhor do que a das classes elevadas, tornou-se um idolo do povo, durando o seu fastio annos.

Um dia, embarcou para Hollywood. Em dois annos de permanencia na California, mudou tanto de personalidade, que a idolatria do povo se transformou em indifferença e, depois, até em aversão. Segundo se diz, chegaram a vaial-o em Paris.

Na propria Hollywood, está longe de ser uma figura popular. Os entrevistadores não se interessam muito por elle e, á porta do seu camarim, nunca se vêem trabalhadores do Studio, como seccede com Bing Crosby, Richard Arlen e outros.

Quem não se lembra de Marlene Dietrich, ao chegar a actriz a Hollywood? A Paramount offereceu-lhe um "lunch", em que tomaram parte jornalistas. Todos lhe admiraram a belleza loura, mas Marlene dava a impressão duma creatura assustada, morta por fazer amizades e por agradar naquelle meio desconhecido.

Hoje, a estrella allemã passeia orgulhosamente pelo Studio, sem olhar

nem para a direita nem para a esquerda. Só fala com Von Sternberg e com Deus.

E Phillips Holmes? Os que o conheceram, ha annos, lembram-se bem daquelle rapaz bem humorado, sempre com o sorriso nos labios. Fiz uma viagem com elle e nunca encontrei companheiro mais divertido e agradavel. Phillips estava então em plena gloria, mas o exito não o mudara. As revistas e os jornaes proclamavam-no como um dos mais brilhantes actores jovens.

Subito, porém, por motivos que desconheço, tudo se transformou. Foi como se Hollywood, de repente, lhe tivesse virado as costas. Phillips, mais experiente, estava um actor ainda mais completo, mas deixaram de lhe dar papeis bons. A Paramount deixou-o sahir e a M. G. M. contractou-. Ao cabo dum anno, o artista ainda não tinha feito nada de aproveitavel.

O peor é que o proprio Phil não sabe explicar a mudança da situação. Só sabe que aconteceu qualquer coisa de terrivel. Gente que não o largava passou a evital-o. Não admira, pois, que o artista haja perdido a exuberancia doutros tempos. Já não se ri com estrepito. Quando ouve alguma pilheria, contenta-se em esboçar um debil sorriso.

Recentemente, tomou uma medida radical. Libertou-se completamente de Hollywood e partiu para a Inglaterra. Hei de me lembrar sempre delle, no cáes, á hora da partida. Faces encovadas, grandes olheiras, Phil dava bem idéa dum homem que luta, não contra uma doença, mas contra um mal desconhecido que ameaça devoral-o.

Deu-se muito bem na Inglaterra e espero que, entre velhos amigos e companheiros, o actor possa readquirir aquella velha alegria que o tornava um conversador tão admiravel.

Se eu pudesse voltar ao ponto da minha vida em que a estrada se desviava para Hollywood, fugiria desse caminho como da propria peste! Se tivesse filhos, preferiria vel-os a lavar pratos do que nos mais bellos palacios de Hollywood. Em troca de ouro e trapos dourados, Hollywood vampiriza os corações e apenas deixa a aridez do cynismo e da desillusão. E ninguem escapa! Como Hollywood transforma as pessoas!

Revelações Duma "Extra"

(Continuação)

berante e de muita veia comica, mas prefere guardal-a para as suas interpretações. Gasta quasi todo o espirito nas scenas que representa, diante da objectiva. Tive muita pena delle, quando o retiraram do elenco de "Viva Villa!", a seguir ao incidente no Mexico. Lee ficou muito abalado. Dava idéa duma creança que levou uns cascudos, sem saber porque.

Ha alguma differença entre a Mae West, que apparece nos artigos dos jornaes e das revistas e a Mae West, que nós, "extras", conhecemos. Quando fala para o publico, por intermedio dos jornalistas, a actriz só emprega inglez "bravo", de giria. A' vontade, entre pessoas amigas, usa de outra linguagem. A's vezes, até se sahe com termos eruditos! Não se póde negar, entretanto, que Mae gosta do calão. Um dia, ouvi-a dizer:

— Vocês sabem quem gostava muito de giria e que inventou a phrase "done me wrong"? Shakespeare!

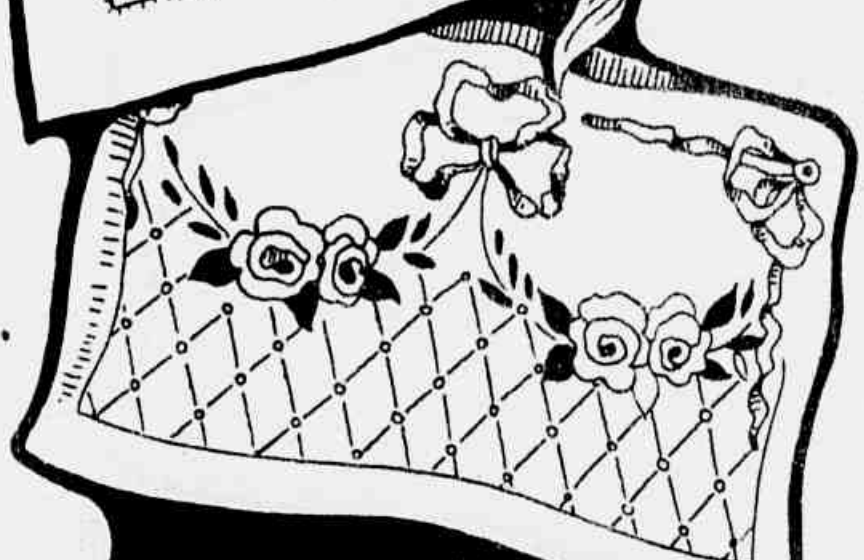
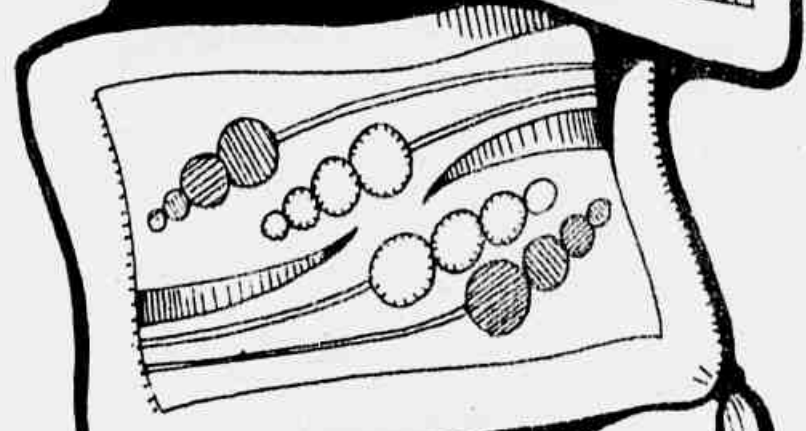
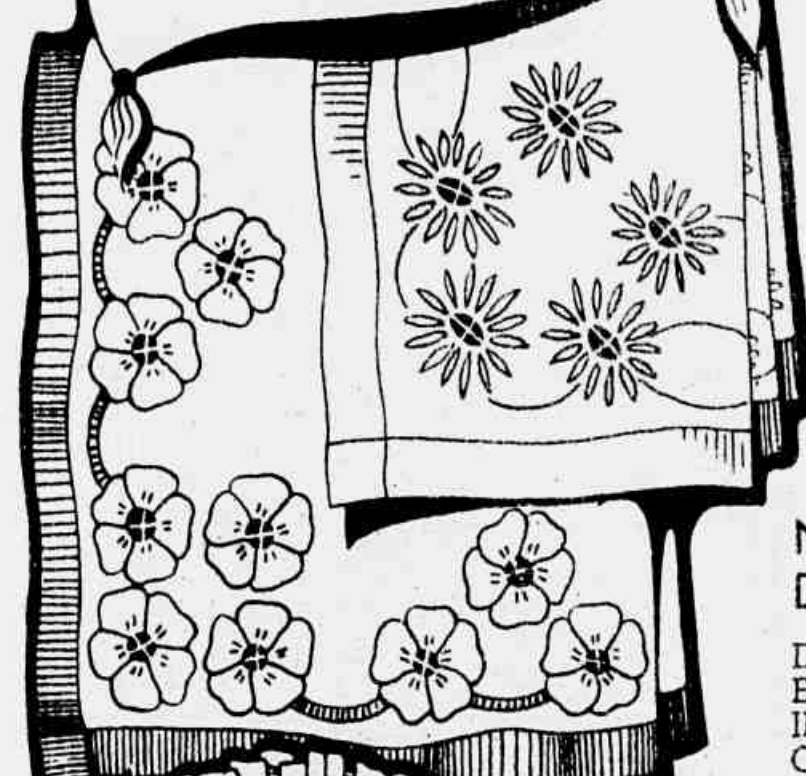
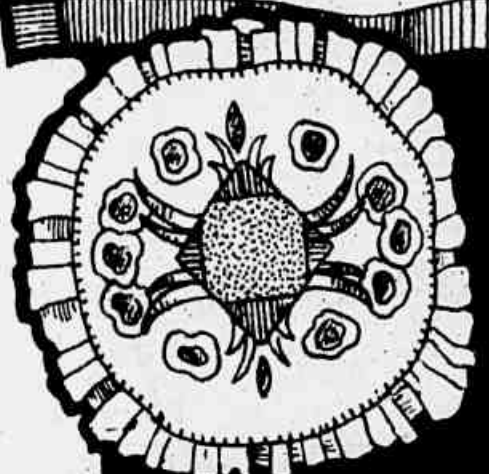
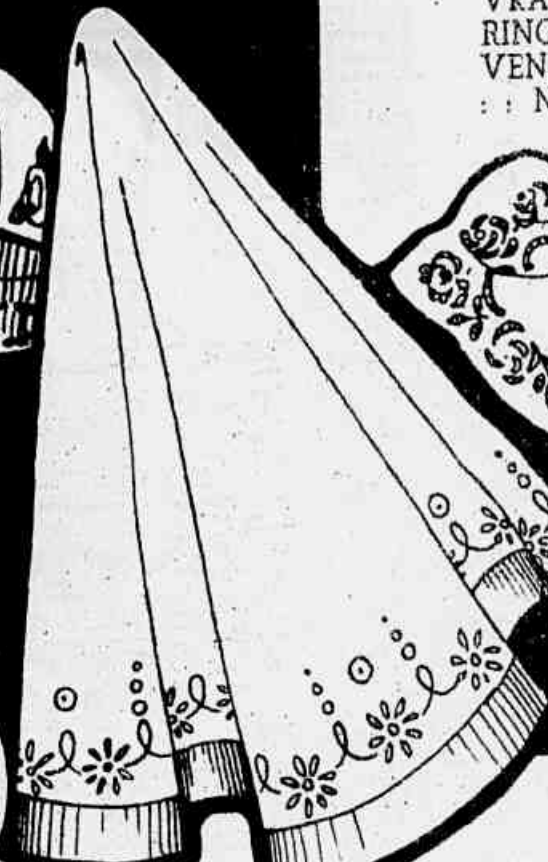
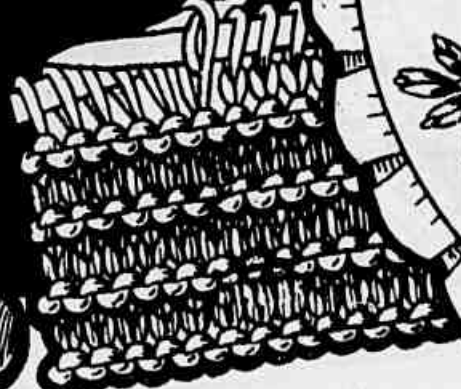
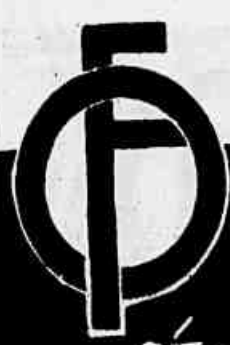
— Shakespeare? repetiu alguem, com voz horrorizada.

— Sim, senhor. Shakespeare! E Shakespeare não era nenhum borra-botas! Era um *crack* na caneta!

Outra coisa a respeito de Mae. Na vida real, parece ser muito recatada. Quando representa diante da objectiva com algum vestido um pouco escandaloso, tem sempre outro á mão para se cobrir, assim que termina a scena.

— Eu sou bem profissional, costuma ella dizer. Só exhibo a plastica em beneficio dos freguezes do Cinema...

(Continúa no proximo numero)

Arte de Bordar
RISCOS PARA BORDAR E
ARTES APPLICADAS
APPARECE NOS DIAS 15 DE
CADA MEZ
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
RIO DE JANEIRO
ARTE DE BORDAR é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.
ARTE DE BORDAR contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. --- Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.
QUALQUER LIVRARIA, BANCA DE JORNAES E TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL TÊM Á VENDA A PUBLICAÇÃO ARTE DE BORDAR.
A REVISTA, CONTENDO OS DOIS SUPPLEMENTOS SOLTOS, CUSTA APENAS 2$000 EM TODO O BRASIL.
NUMEROS ATRAZADOS DE "ARTE DE BORDAR"
DESTA CAPITAL, DAS CAPITAES DOS ESTADOS E DE MUITAS CIDADES DO INTERIOR, CONSTANTEMENTE SOMOS CONSULTADOS SE AINDA TEMOS TODOS OS NUMEROS ATRAZADOS DE ARTE DE BORDAR. PARTICIPAMOS A TODOS QUE, PREVENDO O FACTO DE MUITAS PESSOAS FICAREM COM AS SUAS COLLECÇÕES DESFALCADAS, RESERVÁMOS EM NOSSO ESCRIPTORIO TRAVESSA DO OUVIDOR, 34, TODOS OS NUMEROS JÁ PUBLICADOS, PARA ATTENDER A PEDIDOS. CUSTAM O MESMO PREÇO DE 2$000 O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL E TAMBEM SÃO ENCONTRADOS EM QUALQUER LIVRARIA, CASA DE FIGURINOS E COM TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO PAIZ.
PEDIDOS DO INTERIOR
Snr. Gerente de ARTE DE BORDAR — Caixa Postal — Travessa do Ouvidor, 34-Rio
Pedidos sob registro
Envio-lhe
2$000 para receber 1 numero
16$000 " " durante 6 mezes
30$000 " " " 12 "
Nome
Ender.
Cid.
Est.
PREÇO
2$

BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
VÔVÔ D'O TICO TICO
HISTORIAS DE PAE JOÃO
Papae
PANDARECO, PARACHOQUE e VIRALATA
Zé Macaco e Faustina
CHIQUINHO D'O TICO-TICO
NO MUNDO DOS BICHOS
CADA VOLUME 5$
O melhor presente para as creanças é um livro. Nos livros, cujas miniaturas estão desenhadas nestas paginas, ha motivos de recreio e de cultura para a infancia. Bons livros dados ás creanças são escolas que lhes illuminam a intelligencia. O bom livro é o melhor professor.
VÔVÔ D'O TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
HISTORIAS DE PAE JOÃO
DE OSWALDO ORICO
PAPAE de JORACY CAMARGO
PANDARECO, PARACHOQUE E VIRALATA
DE MAX YANTOK
ZÉ MACACO E FAUSTINA
de ALFREDO STORNI
CHIQUINHO DO TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
NO MUNDO DOS BICHOS
de CARLOS MANHÃES
Comprae para vossos filhos os livros da Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico, á venda nas livrarias de todo o Brasil.
PEDIDOS EM VALE POSTAL OU CARTA REGISTRADA COM VALOR A
Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico
Trav. Ouvidor, 34
RIO DE JANEIRO